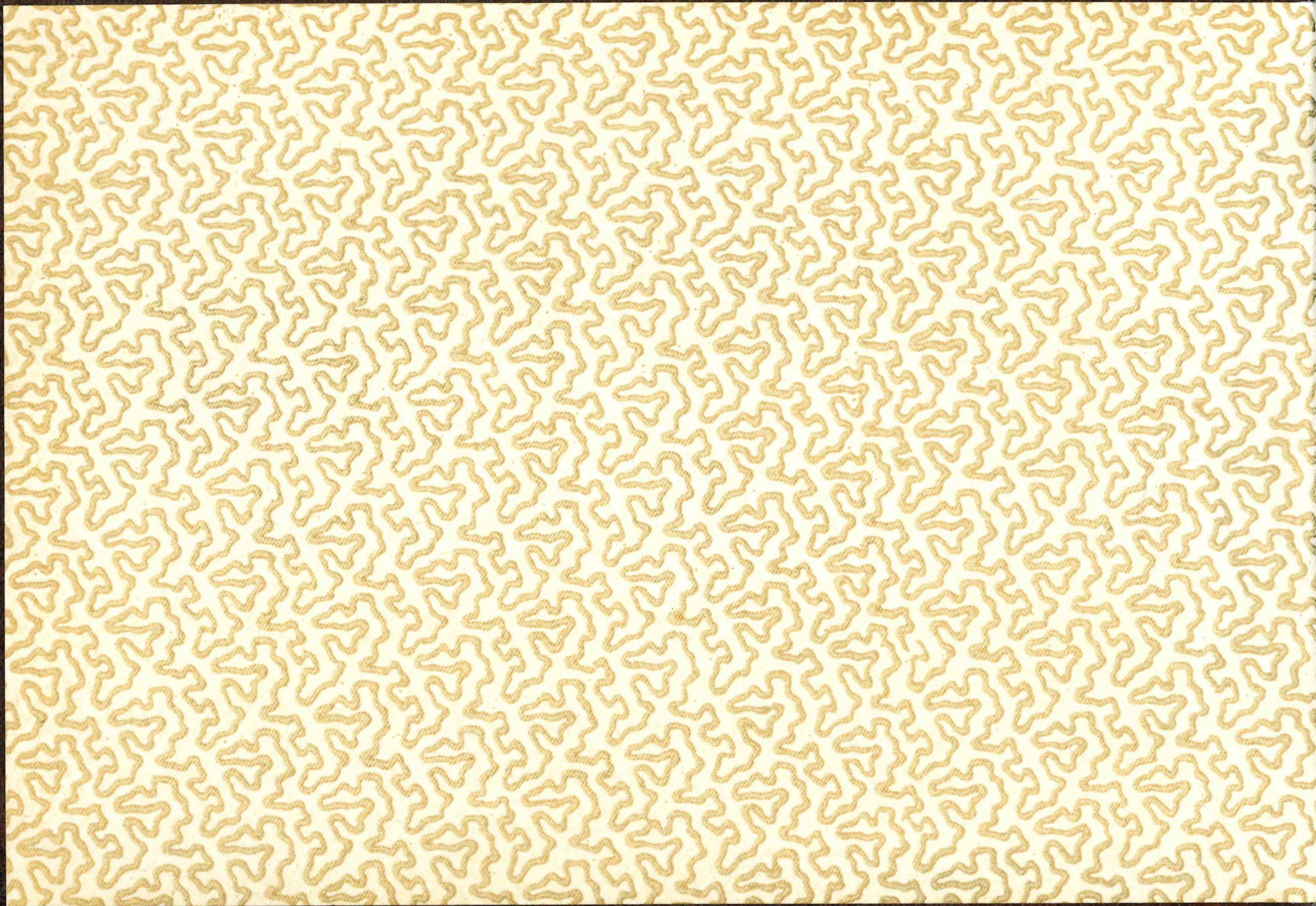


ANTONIO AREIAS

AS LAGRIMAS
DA SAUDADE



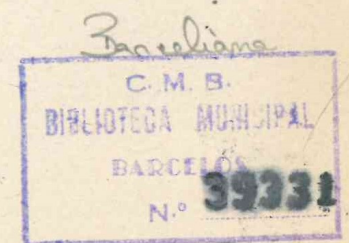
14.3-3Areias,A





OBRA DE
ANTONIO AREIAS

AS LAGRIMAS DA SAUDADE



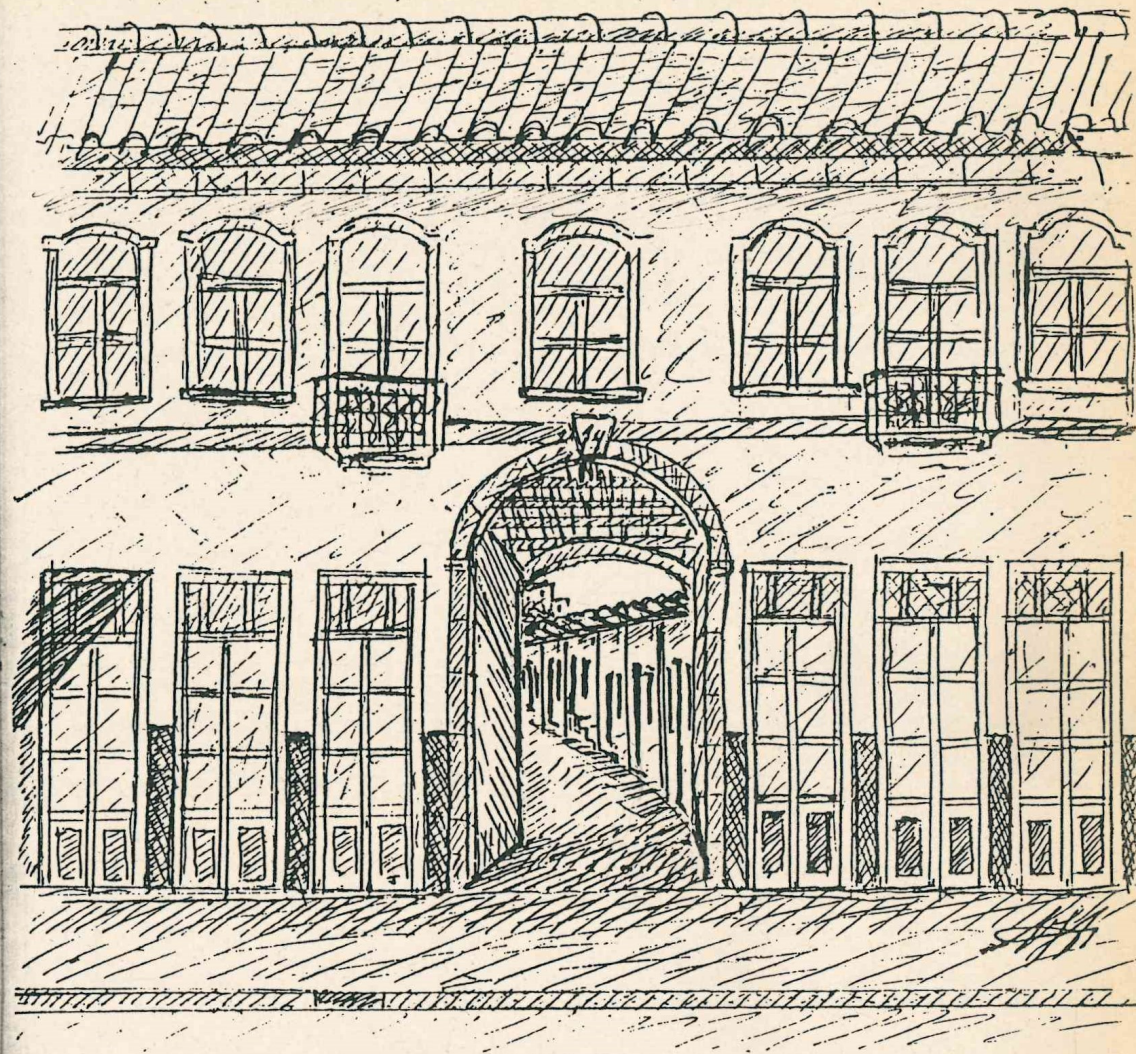
AS LAGRIMAS DA SAUDADE

ANTONIO AREIAS

OBRA DE
ANTONIO AREIAS

AS LAGRIMAS DA SAUDADE

ILHA DO COUTINHO - BARCELOS:



Antonio Areias, natural de Barcelos, nasceu a 14-06-1934 na Ilha do Coutinho.

Para além desta sua segunda obra escrita, tem dedicado grande parte da sua vida ao desenho e à pintura como retratista e Paisagista.

As lágrimas da saudade tem o poder da ficção, a vida palpitante do sentimentalismo e retrata o exemplo do passado. Foi realizado com base na síntese - de vários factos reais, conforme aqualidade do verdadeiro, tendo o dever genuíno e sincero de narrar uma história verídica e real, que, na representação da vida, conta factos da verdade.

Sou de opinião que é possível criar personagens depois de ter tomado conhecimento de todos os factos e testemunhado o sentimento verdadeiro daqueles que neste mundo tanto sofreram sem nunca terem encontrado a luz da felicidade.

Com base nisso limito-me a narrar a presente história.

Quem teria visto um homem colocado à decadência da mais triste melancolia, que na inquietação do seu sofrer fazia do seu tecto o alpendre duma velha moradia que ao desprezo da humanidade - não teve ajuda de ninguém, que na iludível aparência figurava a imagem de nosso senhor Jesus Cristo.

Foi em 1940 que um soldado chegado da Índia, doente e sem família, fez do seu tecto o alpendre do dispensário no campo 28 de Maio na Cidade de Barcelos.

Foi com o pensamento intelectual da inteligência que me fez recordar à lembrança da minha pobre infância, em que o tempo era surpreendido há disciplinada ao rigor exaustivo da ambição - daqueles - que transformavam o mundo em guerra, gerando sofrimento por toda a humanidade, que no delirar de tanto padecimento, o rosto humano envelhecia com derramentos de - lágrimas, duma guerra injusta, impiedosa, dilacerada por tantos sacrifícios, de um povo que trabalha de sol, a sol, por - um salário de penúria, suado e amargado, ao impudico desespero, da importuna impaciência, duma vida difícil, cheia de sacrilegio, embalada por choros de crianças, que grita pelo pão.

Que por essa imperdoável data de 1940.

Eu fui gravando na alma esse desesperado acontecimento, que eu - fotografei na memória os fragmentos do impacto emocional de uma ampliação verdadeira e real, recordando a sena inerte da procissão indolente sem movimento perpetuado - sobre a noite do relampago, formado a dois a dois, caminhando no passo lento, ao alcance da proximidade da padaria Baptista, contendo velhos, crianças e mulheres em estado de gravidez que ao esfraguecimento - das suas forças, seguiam com a saca esperando pela sua vez na esperança que o pão chega-se para todos.

Eu Antonio Areias nasci no ano de 1934 na ilha do Coutinho que pelo acto ou efeito de confirmação, dizem ser construída em 1863.

A ilha foi berço de artistas talentosos de grande merito, estucadores + pintores, mestres de fiandeiro, assim como excelentes artifices do calçado sendo Antonio Leão Martins, e Antonio papa-goma, que na exatidão da sua obra venciam a simpatia de todos os Barcelenses.

O povo da ilha do Coutinho era humilde e alegre, que por lealdade sempre se respeitaram com a fidelidade de uma familia intima e unida, ajudando-se nos momentos de penuria sobre o ardu-o das horas tristes e dificeis, de um povo amigo e compreensivel, que por nobreza eram ricos de sentimentos.

Mas os anos foram passando, os - filhos desses mestres seguiram as artes e no lento da vida partiram para outros lugares. Alvaro Arezes Leão Martins emigra para Australia.

Joaquim soldado emigra para França, seu irmão Mario Soldado partiu para a guerra de Africa, os dois irmãos Rentins foram para Alemanha, eu Antonio Areias fui para a Suíça.

Foram muitos anos de auzencia que os artistas da ilha do Coutinho se expandiram por os mais longincos recantos do mundo.

Mas no retorno de toda aventura, Leão Martins regressa ao ponto de partida sua terra natal, Cidade de Barcelos.

Foi num reencontro que recordamos a ilha do Coutinho, e daquele povo amigo e unido, que nas dificuldades da vida todos se prestavam a dar a sua ajuda, como fossem uma só familia.

Alvaro Arezes Leão Martins foi sempre um estudioso e muito admirador das artes um intelectual possuidor - de - valiosas

obras literarias e scientificas, que predomina o sentimentalismo, que na indagação da historia de Barcelos tem sido a sua paixão.

Foi na data de 1994 que Alvaro Arezes Leão Martins me comentou que tinha de contactar com um pintor desenhador artistico, que fosse pintar a ilha do Coutinho directamente à imagem da natureza, dizendo que as copias não tem naturalidade de qualquer valor artistico e científico ou literário.

Por isso quero que a obra tenha poema, obediência, que na veracidade do seu valor justifique o talento de um verdadeiro artista. Depois de o escutar com atenção eu lhe respondi, a ilha do Coutinho é um recanto de muito poema, que pela sua expressividade, tem o seu encanto e por esse competir serei eu a pintar o lugar onde eu nasci.

E como é óbvio me aprontei com o material devido, dirigindo-me à ilha - do Coutinho e comecei analisar na tela a linha do horizonte, e o ponto principal sobre as linhas de fuga que medem a distancia da paisagem, decorada com a projecção das sombras que a natureza nos oferece, com o efeito dos claros e escuros dando-lhe a forma de estilo e sentimento, que justifica a originalidade do próprio punho, que pela natureza do drama e da vida a pintura fala-se por mais de dez mil palavras, que se escuta facilmente pela imagem de simbolos coloridos, que respira na mente o entendimento do juízo raciocínio que na verdade pintar directamente à natureza é uma ciência fenomenal, que é espantoso supreendente enorme de coisa rara extraordinaria maravilha, que na arquitectura do seu saber, o artista com a sua personalidade tem o seu estilo próprio.

Mas ninguém podera ser um génio criador de um dia para o outro, para isso terá que

percorrer a meta do sacrificio.

Mas o sentimento nasce com a pessoa que no sofrimento da vida vai descrevendo na memoria de cada um, livro esse que não é escrito com tinta e papel, mas com lágrimas em páginas que não se vê, e por esse testemunho aqui temos o exemplo.

Os filhos desses moços que nasceram na ilha do Coutinho são letrados pela Universidade, e licenciados em doutores professores de Português, Biólogos, Filósofos e matematicos.

Hoje a velha ilha está quase abandonada que pela imagem nos faz recordar à memoria a recordação de um recanto de tanto poema, como fosse um artigo de jornal ó um velho livro, que nos conta factos da verdade, retratando o sentimentalismo de uma história que tem por titulo.

As lágrimas da saudade.

Foi pela data de 1920 na aldeia de Airó freguesia de Barcelos.

Um humilde lavrador, preparava a terra, da sua propriedade, que era uma quinta - primorosa, e rica, que na abundancia - de uma mina a sua terra era fertil em água. E com ajuda da sua mulher se apoderava do arado rasgando a terra para sua sementeira, que á frente puxava um velho cavalo conduzido pela sua mulher, a seu lado açoitava um neto de dez anos de idade.

E como é obvio tudo era trabalhado, ao esforço dos seus músculos, e assim - enfrentava a lida do campo, tendo ele - tres netos dois rapazes, e uma Menina.

O seu filho e a nora foram vítimas da doença peneumónica, ficando os velhos, com os seus queridos netinhos que - por, eles eram muito amados, e por esse - tão grande amor - se orgulhavam de trabalhar ao esturro do sol, batendo com a enxada sobre a terra dura e granitada, que - ao suor tinham que arcar as duresas da propria vida para que o pão fosse sempre - a mesa.

Numa casa proxima da propriedade do lavrador avitava uma senhora de meia idade. Essa senhora era natural do Porto.

Tinha sido professora da conservatoria de música.

Tinha um filho que tambem era músico, - estudava piano em Italia.

A senhora era especialista de violino - E Violoncelista, que por doença teve - que abandonar a sua actividade.

Ela sofria de um reumatismo que lhe deformava uma mão.

E por esse motivo foi viver para a aldeia, tendo lá a sua vivenda.

Mas um dia, o neto do lavrador passou - pela sua moradia.

A violoncelista lhe perguntou se era - o neto do José Fernandes Barbosa.

O rapaz disse que sim, e que tinha, o nome do seu avô.

A senhora lhe fez um pedido.

A tua avó cose o pão.

Sim respondeu o rapaz.

A minha avó faz um pão delicioso de centeio Olha José tu dizes á tua avó que eu gosto de saborear um bocadinho de pão - as refeições.

E por esse desejo eu-lhe pedia para-me ceder um quilo de pão que me dá para toda a semana. Que por essa amabilidade - muito lhe agradecia, e lhe pagarei o que for.

José era um rapaz muito inteligente - e humilde, e se comprometeu a ir acasa, - e descreveu á sua avó O que a senhora - lhe recomendou.

A sua avó estava amassar o pão namasseira. Depois de tudo terminado, lhe - deu-o pão, que, o meteu numa pequena saca de, - linho, e o mandou entregar a senhora. Mas-lhe fez precaver, a não aceitar - nada da senhora.

Na semana seguinte, o José lá estava com a mesma oferta,

Mas quando lá chegou ouve o ressoar dum violino que na virtuosidade de emoção, - o seu coração foi impressionado - por - uma talentosa melodia, que ao despertar da alma, os seus olhos se converteram ao sentimento de lagrimas, que pela circunstância, da vida, José Fernandes Barbosa já não tinha pai nem mãe.

Tendo ele o seu avô e sua avó que - por amor dos seus queridos netinhos, muito trabalhavam que ao convívio familiar, todos, tinham o mesmo conforto.

José bateu á porta.

A senhora o mandou entrar notando no José que duas lagrimas lhe saíam dos cantos - dos olhos.

A Partir daí, José começou a dizer - ao seu avô que adorava ter um violino, pedindo-lhe para o comprar.

O velho camponês foi ter com a - vizinha e falou do seu neto, que - lhe pedia - um violino.

Mas eu fico um pouco compassivo quando me faz esse pedido eu não sei-se terei - a possibilidade de o comprar.

A senhora, se apercebeu que José - tinha a paixão e o sentimento pelo o violino.

E como é obvio a senhora lhe respondeu. Pois bem senhor Barbosa, fique descansado eu vou dar-lhe lições de violino. - e terá que aprender os valores da música, depois tudo se vera, embora eu tenha a dificuldade de o ensinar, devido eu sofrer duma mão. O velho José Barbosa após ter - escutado o que a senhora acabava de-lhe dizer lhe agradeceu, felicitando-lhe a ter - boa saúde.

Mas o velho lavrador sabia dum remédio caseiro á base de uma planta curativa, cuja reputação é garantida.

A senhora sofria de um reumatismo - que lhe deformava a mão direita, o que constituia uma enfermidade particularmente desagradável para uma professora de violino.

Aconselhada pelo o velho lavrador, - a senhora submeteu-se durante cinco meses a um tratamento á base de bétula - branca.

A pouco e pouco, a doença foi - cedendo e acabou por desaparecer completamente.

A mão recuperou a sua forma e a sua actividade normais.

Continuando com o seu garbo de elegância embelezada por uma esplendida luz interior que a fez viver uma vida - plena cheia de saúde

Dois anos após a crise nada tinha reaparecido.

Actualmente a senhora retoma o seu lugar de professora de música no Porto, que na faculdade do seu saber fez que o José se orgulha-se de ser um admirável - artista.

E por esse acto de felicitar teve - o sentimento de-lhe oferecer um - valioso violino, que por ela era muito estimativo. A partir daí o jovem camponês - começou a ter convites para festas de baptizados e casamentos na sua aldeia.

Perto da sua casa, morava uma - senhora que vivia com uma sobrinha - de - quinze anos. Era uma menina de muita - beleza

chamava-se Maria da Graça.

Seu pai tinha imigrado para America.

Maria da Graça ficou orfa de mãe - aos sete anos de idade.

Foi nesse tempo que Maria da Graça sofreu a falta da sua mãe.

Quando ia para a escola abria o livro e amostrava ao seu, amigo José o retrato da sua mãe querida .

Maria da Graça era uma menina de grandes sentimentos.

e uma admiradora do José,

Eram amigos de infancia que na candura da simplicidade e pureza, avia uma - amizade sincera de duas crianças que nasceram no mesmo lugar.

Acontece que a tia adoece e em pouco tempo também faleceu.

A jovem menina tinha um tio - rico - em Lisboa, era casado e não tinha filhos, e foram ao encontro da sobrinha, e em diálogo-lhe deram provas de carinho e amor dizendo-lhe que ia ser muito feliz.

E que seria estimada como uma filha.

Nos sabemos que es muito inteligente, e seria bom que seguisse os estudos - para um dia seres uma senhora da sociedade.

A esposa do seu tio tinha um - coração nobre cheio de bondade, que pela simpatia da sobrinha lhe abriu os braços - e, lhe diz tu vais ser uma fihinha muito - querida, tudo o que é nosso sera teu.

Eu sempre sonhei em ter uma filha, agora já temos-te ati, para-te - dar amor e carinho.

Maria da Graça partiu para Lisboa, - levando consigo as mais lindas recordações que nas lagrimas da separação o José não a vai, esquecer, aquela amiga - que, - em criança abria o livro da escola e amostrava o retrato da sua mãe, que por destino deixa para sempre a sua aldeia.

O tempo foi correndo, acontece - que a propriedade do avô do José fica mais pobre, a mina de água que existia na quinta começou ater falhas.

Alguem se fez superavel - nas - outras propriedades vizinhas, ou que os mineiros fossem angariar as veias de água aos terrenos do alheio, ficando a terra - do velho lavrador sem água necessaria para alida do campo que no desenriquecer - da sua terra, a vida do velho lavrador, tornou-se num tormento, tudo ia a pior.

A sua mulher começa a ficar doente e o velho a ficar cansado.

Um dos seus netos emigra para America

do norte na qualidade de clandestino.

Em 1930 seu neto José Fernandes Barbosa assentou praça em Viana - do Castelo tendo a especialidade de artilheiro.

Em 1931 José Fernandes Barbosa - continuou na tropa e já com um ano - cumprido da vida militar, disse aos seus avós, eu vou em missão para muito longe e um dia que eu venha a nossa vida vai melhorar.

Foi com abraços e lagrimas que José se despediu dos seus familiares.

O Velho José Fernandes Barbosa - vai a barbearia Satiro no largo dos capuchinhos que habitualmente era lá o seu barbeiro de fim de semana .

Eram amigos de há muito tempo.

O Satiro começou a conversar com o seu amigo e recordou que segunda feira - as quatro horas da tarde passam os soldados de Viana do Castelo que vão para África.

Coitados quando voltarem vem com doenças.

O Satiro reparou no amigo que algo se passava.

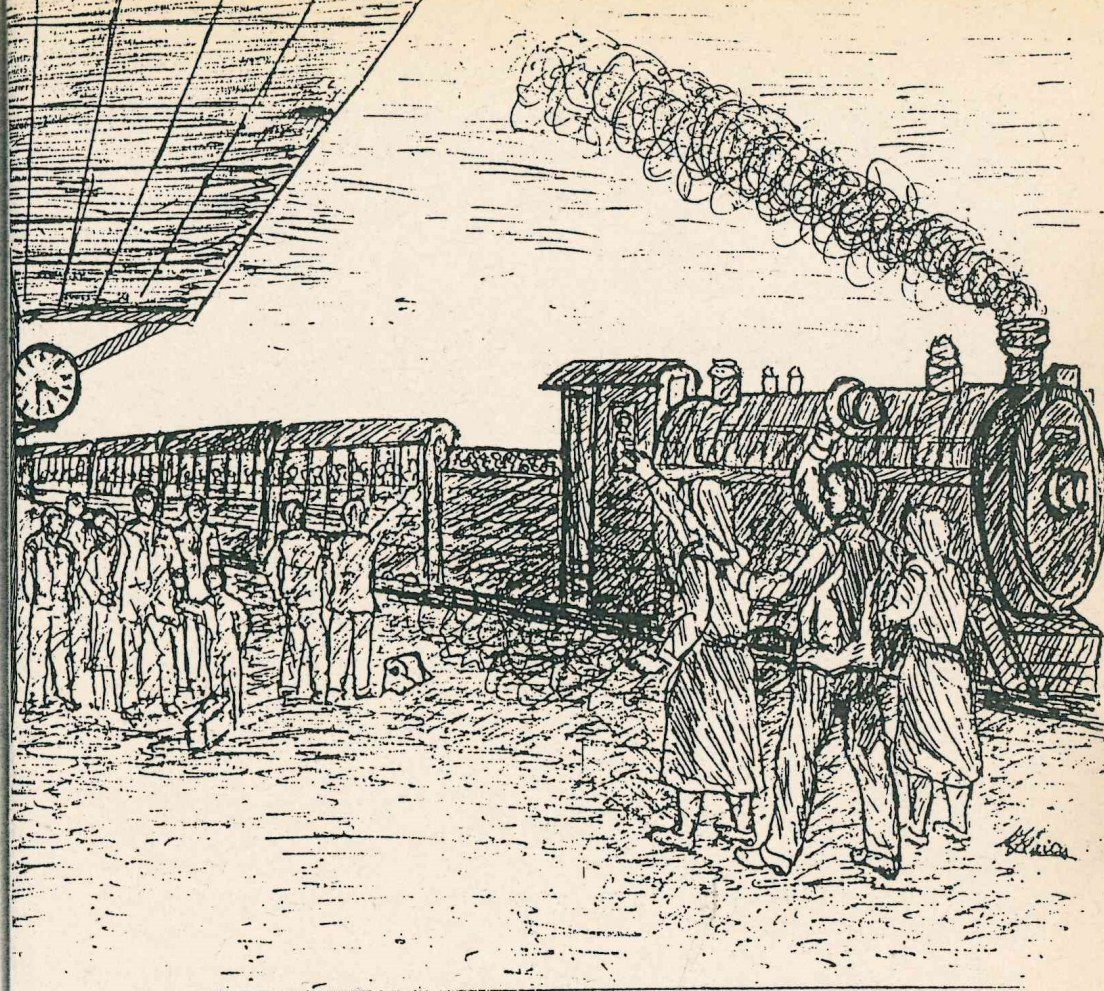
As lagrimas do velho Barbosa - lhe dissipava a espuma de sabão - que - ele tinha no rosto.

O barbeiro fez um pequeno silencio - e disse, o meu amigo não se encontra - bem, sim comentou o Barbosa, não é nada - pode continuar.

O Satiro logo se percebe, pedindo desculpa - que, leu no jornal noticias.

Na segunda feira lá - estava - o velho Barbosa na estação do caminho de - ferro conforme tinha dito o seu amigo - Satiro, estando lá outras pessoas para o - mesmo Fim,

As lágrimas da saudade



Foi em 1931 que, o velho José Fernandes Barbosa se encontrava na estação de Barcelos, acompanhado com a sua mulher e, a neta, para se despedir do seu tão querido e amado netinho.

Guardando na alma uma saudade que nunca vai esquecer.

Entretanto se ouve a máquina negra apitar, era o comboio que trazia os soldados que as janelas saudavam as pessoas - que trabalhavam nos campos, e já - parado na estação de Barcelos. Um soldado que ia a janela disse para outro soldado, está ali dois velhinhos e uma moça, estão a, olhar para as janelas do comboio no meu- entender percuram alguém.

O seu colega chegou-se à janela e - disse são os meus avós.

O jovem soldado rapidamente sai do comboio e-se abraçou aos velhinhos e comentou meus queridos avós não se afelijam - este tempo vai passar de pressa, esperem - por mim, que logo voltarei.

O velho Barbosa lhe respondeu, não meu querido netinho, eu estou aqui para-te dar o ultimo a Deus, eu e a tua avó - estamos cansados, e doentes, só deus o - sabe o que vai na alma da gente.

O jovem soldado apertou as mãos velhinhas dos seus avós e disse eu lhes - beijo - as vossas mãos velhinhas, e cansadas. - foram vocês que me-deram carinho e amor, que por esse amor eu os levo no meu coração.

Naquele momento os maquinistas acabaram de abastecer a caldeira com um - pouco de carvão, entretanto se aproximou o chefe da estação, e disse soldado eu vou- dar sinal de partida, va para dentro.

Assim foi, a máquina negra lá partiu no desembarço da expedição militar.

E já bem perto da ponte do rio - cavado ainda se via os braços dos soldados - que em comprimento de extensão - saudavam - os seus familiares, ficando para trás, - aqueles idosos de cabelos brancos, que pelo o

sentimento e ternura os seus olhos vertiam lagrimas como duas fontes, dilaceradas por um coração tão fragil e cansado - que a resignação paciente, vio partir - o seu querido netinho que por eles - era- muito amado.

E assim seguio o comboio em - forma- de serpente, que constantemente era engolido pelo túnel dos altos montes a caminho -de Lisboa.

E já chegados ao seu destino,- seguiram numa marcha pelas ruas da cidade .

A frente ia a banda de música do- exército, que em marcha seguiam em - direcção ao tejo,a onde jazia - sobre - as águas do mar,um grande navio que por ele reboavam as gaivotas sobre um navio - que - se preparava para partir com o destino - a Africa, que na recente despedida, solfeja o Ino nacional,a onde a bandeira - da patria mãe,se agita ao embate dos ventos do mar.

E assim lá seguiram os soldados com- bravura deixando o seu pais, que na linha do horizonte o grande navio se foi- perdendo de vista navegando sobre a imencidade- do mar,a claridade da luz do sol,perduravelmente inesgotavel.

E quando cai a noite eles depararam - com as estrelas na sua infinita pulverização de luz, e depois la do alto do céu a- lua parcia a companhalos no seu lamento.

Aqueles jovens soldados que - partiram cheios de saudade,pelo o abandono daqueles que tanto amavam.

Foram dias e noites que o navio navegou

E quando lá chegaram todos estavam -doentes, mas com um forte berro do- capitão

todos se alinharam em sentido, levando a arma ao ombro, e todos começaram a - marchar.E com todas as honras de - militar o capitão da o segundo berro.

Berro esse que os levou à celebridade - do prestígio da coragem mostrando-se fortes e competentes, que no disfarce do sofrer escondiam a sua dor.

Depois de tudo ter terminado - e já - no quartel eles se tranquilizaram - com uns dias de descanso, que por esse -assossego eles deram noticias aos seus familiares.

A comprovar que a viagem foi normal,dizendo que se encontravam de boa saude em S:Tome e Principe.

Depois de reconvalescer as forças perdidas retomaram os seus postos,que no decorrer do tempo o soldado José Fernandes Barbosa a recebe uma carta dos seus avôs.

E assim dizia, querido e amado netinho nós a recebemos carta tua e tudo verificamos o que mandaste dizer.

Foi uma grande alegria em saber que a viagem te correu bem e que estavas bem de de saude, que por isso ficamos muito contentes.

Nós pensamos muito enti, e nas - nossas orações pedimos a Deus que sempre tenhas saude juntamente com os teus colegas.

A tua avó vai andando um pouco melhor, eu vou resistindo com a graça de deus.

Tu sabes que eu estou velho, e - muita coisa dei por não fazer,devido a - minha idade,do resto tudo vai bem.

Agora termino com um soudoso - abraço e um beijo de mim e da tua avó e da tua irmã,que-te quer bem.

Nós ficamos a pedir a Deus que - por ai tenhas saude,e com muita saudade eu -termino- esta carta.

Felicidades para-ti e para os teus colegas, a Deus querido netinho.

Teu avô José Fernandes Barbosa.

Fazia um ano que os soldados se encontravam em S. Tome e Principe, e num momento inesperado tiveram um aviso, fazendo saber, que tinham de embarcar.

Foi uma grande alegria para todos - os soldados, que por esse conceito - diziam vamos para o nosso Portugal.

Na verdade eles entraram no navio, mas o seu rumo foi para a India.

A viagem era longa, os soldados começaram a ficar no pior todos iam doentes estavam a sofrer duma terrivel diarreia que muito os fazia sofrer.

O capitão reconhece que - os soldados não iam muito bem de saude, e desabafou com o homem das maquinas que já não era jovem, mas tinha muita experiencia - da vida, e lhe fez convencer a serem suavizados a uma lavagem directa, dando - lhe a certeza que tudo vai ficar no melhor.

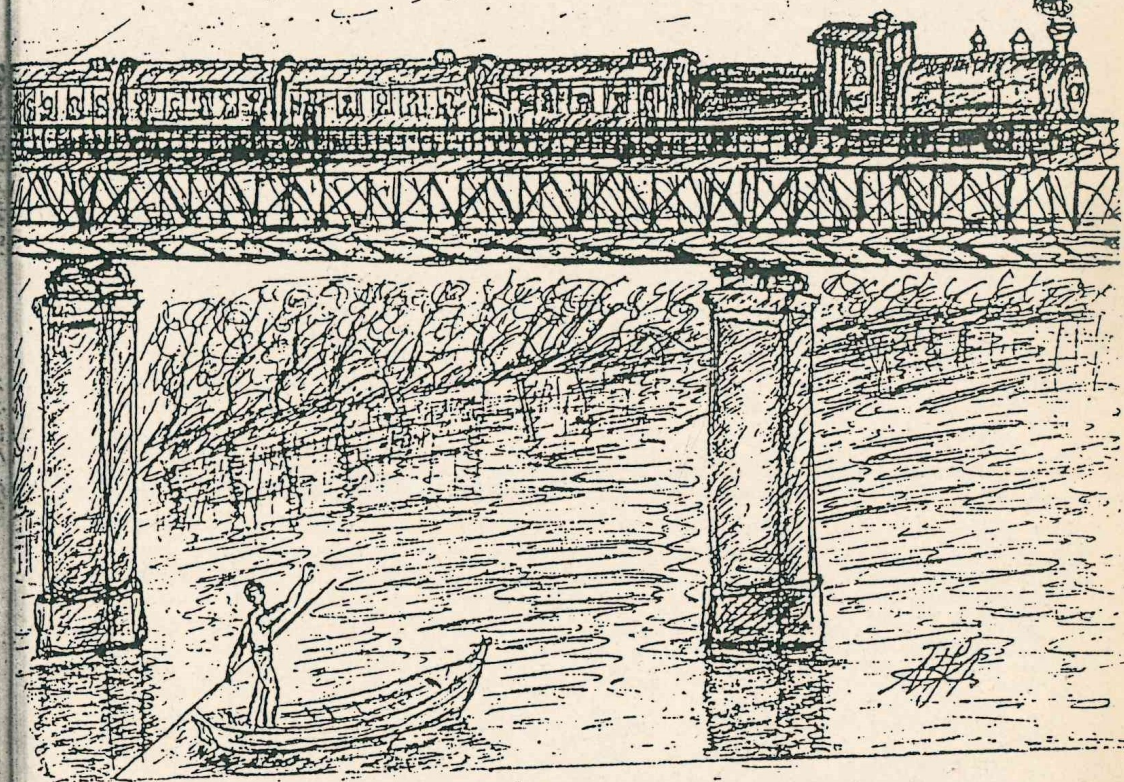
E assim tudo aconteceu.

O mestre das maquinas preparou a manga com água a seu grau de calor.

O capitão colocou os soldados em - recinto de precaução

Ai surge o pandemônio, um violento jacto de água, foi disparado sobre os rapazes, que de um lado para o outro gritavam e saltitavam na maior aflição - sendo - lavados mesmo com o uniforme, militar, e, por esse fim o capitão diz, agora - modam-se de roupa, para que todos fiquem no melhor. Na verdade o mestre - das maquinas tinha a sua teoria, os soldados tiveram uma mudança de melhoras, ficando todos

O comboio no seu percurso
passa pela ponte do rio cavado



O romantico barqueiro sauda os soldados
que no ensejo lazer, o comboio - segue - na
velha ponte do rio cavado, a onde - se vai
perdendo de vista a cidade - de - Barcelos,
que pela saudade os familiares - sofreram
na alma, a mais triste despedida.

de boa aparência.

E quando chegaram à Índia iam menos mal prontos a comprar mais um ano de cerviço militar.

Acontece que avô - do soldado - José - Fernandes Barbosa - encontrava-se muito doente, com a doença bronco pulmonar.

Mas um capitalista da cidade tinha uma propriedade proxima da quinta - do velho Barbosa, e começou a rondar a sua casa, e em certo momento - inqueriu com o - velho Barbosa, e lhe perguntou pela saude - da mulher.

O velho camponês lhe respondeu não vai nada melhor.

O capitalista fez-se de comovido e comentou, Senhor Barbosa eu lhe dezejo as melhoras. Olhe bem, por a sua esposa você tem que a salvar, é esse o seu dever.

Se, necessitar de ajuda conte - com a minha benevolência. Nós nesta vida somos todos irmãos. E os amigos são para estes momentos difíceis. É um dever - que temos de ajudar os amigos.

Se você necessitar de dinheiro eu lhe empresto sem qualquer proveito, e quando a sua vida melhorar então me pagara, leve o tempo que for, nisso não há pressa.

Esta ouvir amigo Barbosa, trate bem da sua mulher.

O capitalista lhe da duzentos escudos e lhe diz pegue neste dinheiro - senhor - Barbosa é oferecido, e outro que - precise então sera emprestado.

O velho campones pegou no dinheiro e lhe agradeceu, dezejando-lhe as maiores felicidades pelo acto de bomdade.

O capitalista se retirou dizendo, - fique com Deus.

que tudo lhe corra no melhor.

Que aos bons modos do seu amigo, o fez nutrir de esperanças.

A partir daí o camponês teve a - necessidade de dinheiro, e por esse - affecto foi ter com o capitalista que amavelmente o recebeu com toda a lisura, e generosidade.

Mas se - aprontou a dizer-lhe - "assine aqui como prova do empréstimo.

E assim continuou, e quando o - velho - camponês necessita-se de - dinheiro lá ia ter com o seu amigo.

Cinco meses depois.

O milionário vai ter - com o Barbosa, e lhe diz, então como está a senhora Maria

O velho Barbosa lhe respondeu, - graças a Deus esta muito melhor, se não fosse a vossa generosidade eu tinha - perdido a minha mulher. O senhor - foi um - grande amigo que muito me ajudou.

Eu só lhe tenho agradecer - pela - sua gratidão que teve com a minha pessoa.

O milionário lhe respondeu, pois é senhor Barbosa, a vida nem sempre corre como a gente pretende.

Como vê tem altos e baixos, eu - neste momento estou arrasada com a vida financeira, que por esse motivo estou na eminência de lhe pedir o dinheiro - que eu lhe emprestei.

O velho camponês ficou branco - como a cal, após ter escutado do que - ouvia - e lhe respondeu, eu não tenho o dinheiro. O senhor tinha-me dito que não tinha pressa e em pouco tempo diz-me que esta na eminência de a receber a quantia que me emprestou.

O milionário lhe mostrou uma folha escrita que dizia a quantia da dívida. "por

essa farsante comédia, deixou o velho surpreendido comentando sim é - verdade é a minha assinatura, mas eu não - lhe - pedi esse dinheiro que aí está escrito.

O falso milionário fez-se de zangado - e em voz altiva lhe diz.

É essa a paga eu lhe - emprestei - essa quantia, e agora diz-me que não foi este - dinheiro que eu lhe emprestei, pois fique sabendo que o vou pôr em tribunal, que não lhe vai chegar o que tem para me pagar.

Pagando você todos os gastos do tribunal, se assim for você ficara arruinado.

Fique sabendo que o meu - advogado é muito competente em tudo o que faz.

Depois tudo lhe pode acontecer.

O velhinho ficou muito assustado e comentou, eu nunca fui a um tribunal.

Eu estou perdido que vai ser de mim - e da minha família, eu e a minha mulher - não estamos de bem de saúde.

Tenha misericórdia de quem é - velho e doente, Não nos faça sair da casa.

O falso capitalista fez-se de calmo - e lhe respondeu.

Pois bem senhor Barbosa, eu não-lhe vou tirar a casa, e vos prometo - que - podem continuar na mesma aonde estão, e continuo a ser um amigo. Mas lhe vou - propor uma condição. Nos podemos acertar - as nossas contas dando-lhe mais uns dinheiros, e vocês assinam este documento a - comprovar - como a propriedade é minha.

E já não tem que irem para a rua.

E um dia que tenham o dinheiro, a propriedade voltará a ser vossa.

O velho camponês foi seduzido e enganado pela astúcia de um ganancioso - astuto e manhoso, que no assédio da insistência

o velho Barbosa foi manipulado - por - um vigarista, que lançou a rede a sua presa inofensiva, doente e cansada, e sem defesa. Dois meses depois o falso milionário lhe aplica o golpe final-dizendo-lhe que tinham de sair da casa, que - pretendia - restaurar o solar.

Os dois velhinhos já - vencidos - e sem qualquer alternativa, e com os olhos cheios de lagrimas lhe fez um pedido, deixem-nos levar estas enxadas.

Foi um quadro triste e comovente, retratado pelas lagrimas de dois velhinhos que junto a sua netinha seguiam - pobremente - que ali formavam uma trindade.

Aqueles que foram votados à rua sem beira nem leira.

E, lá caminharam com as enxadas sobre os ombros, figurando uma sena de - compaixão lastimada à miséria e a desgraça - com a vida quase no fim.

O velho Barbosa juntamente - com a - sua mulher e a neta-se alujaram numa - velha barraca de madeira.

A sua neta Maria Hortênsia foi - servir para vila do conde.

A partir daí os pobres velhos para - sobreviver começaram a trabalhar pelas hortas, de sol a sol enfrentando a dor, o sofrimento, o sacrifício, batendo com a enxada sobre a dureza da terra, trabalhando mesmo de baixo da intensa chuva, e o que ganhavam mal lhe dava para a sopa, que ao sofrer de - toda a dor, a sua mulher recai de cama com tremuras de frio. Era a doença broncopneumonia, que, à pouco - tempo a tinha feito sofrer.

Ai tudo foi a pior quando - expecturava os cantos da boca ficavam com - sangue e numa noite de dor, o velho Barbosa-lhe diz-

eu vou à cosinha fazer um café e volto já
O Barbosa voltou com o café e se aproximou da sua mulher, mas ela estava já sem vida, ele deu um grito de dor, que no desespero da sua afelição lhe diz ó minha querida velhinha, fala para mim não me deixes sozinho no mundo, que eu preciso de ti.

Mas já convencido suplica, leva-me contigo e se vergou para lhe dar um beijo.

Mas o quadro tornou-se mais triste!

O velho José Fernandes Barbosa cai mortalmente ao lado da sua amada esposa.

Foi o ultimo beijo daquele que toda a vida trabalhou ao lado da - sua - estimada companheira, que ao desprezo e sem qualquer auxilio morreram na mais triste penosa miséria.

Foi de manhã ao romper do sol que o tio Jaquim da azenha deu com eles já sem vida

Foi naquela aldeia de Airó que sentidamente lhes prestaram a última homenagem aqueles que neste mundo - tanto sofreram que lá do alto da torre da igreja os sinos choraram por aqueles que - pobremente morreram a trabalhar, e lá - seguiram ao encontro do patio da morte ó - da paixão que pela cruz que levaram na vida ali repousaram para sempre, aqueles que - neste vale de lagrimas tanto sofreram.

O soldado José Fernandes Barbosa completava três anos da vida militar no ano de 1933, que finalmente todos os soldados de seu tempo regressaram à sua terra natal, alegres e desejosos de poder abraçar os seus familiares.

José Fernandes Barbosa quando chegou à sua aldeia de Airó ia com a esperança de encontrar os seus avós juntamente - com a

sua irmã Hortênsia.

Mas ao beirar-se da casa, e junto - ao portão da quinta que tinha sido dos seus avós notou que tudo estava diferente.

A casa tinha sido restaurada, o portão da entrada já não era o mesmo.

E ali ficou perpetuado a olhar para a casa onde tinha nascido.

Mas ele preveu o pior, porque a vida financeira do seu avô não ia no melhor.

Mas naquele momento ia a passar uma senhora já idosa e lhe perguntou se queria falar com alguém da casa.

A senhora reparou que o jovem estava com a roupa cinzenta de militar e num espanto de pesar os dois recaíram em recordações.

Aquela senhora tinha sido a sua parteira de nascimento na mesma casa onde ele tanto olhava.

Uma velhinha de cabelos brancos que não pode resistir as emoções sentimentais, ficando com os olhos compadecidos de - uma infinita mágua ao ver um jovem soldado que vinha de tão longe ao encontro dos seus queridos familiares, que por evidencia da vida já não encontra aqueles - que na estação de Barcelos lhe disseram - vais para Africa meu querido e amado netinho a tua avó esta doente e eu sinto-me cansado. Só Deus sabe o que vai na alma - da gente, este é o nosso ultimo a deus.

A velha senhora lhe pôs ao corrente de tudo o que se passou e por fim lhe diz eu te levo ao barraco onde os teus avós moravam que fica perto da azenha do tio Joaquim.

José Fernandes Barbosa acompanhou aque-

la bondosa senhora que muitas vezes o embalou nos braços.

E quando lá chegaram a senhora lhe diz é ali a casa, eu vou pedir - a chave ó tio Joaquim da azenha, José entrou na - velha-casa e viu tudo arrumado, e sobre a enxerga da cama repousava as mantas tecidas de farrapos velhos, contendo dois lenços que um deles lhe servio para lhe enxogar - as lagrimas, que ao sentimento da - saudade e da dor, ali figurava uma sena de compaixão que ninguém poderia resistir a emoção daquele quadro tão triste e - comovente retratado pela indigencia da propria miseria dum jovem soldado que vem de tão longe e não encontra aqueles que tanto amava

Mas a seu lado se encontrava um cavide que se - pendurava as velhas jaquetas já inúteis, e a um canto estava uma - velha-mala, e como é obvio a sua irmã foi servir para vila do conde, sabendo ela - que seu irmão estava para chegar, lhe deixou tudo á mão.

Entretanto o tio Joaquim da - zenha lhe fez o convite para ir a sua casa - comer uma sopa.

O jovem soldado lhe agradeceu, dizendo que não tinha apetite para comer, que ficava para outro dia que vinha muito cansado.

O tio Joaquim da azenha se retirou e disse fica com Deus.

O Jovem José ergueu a tampa da - mala e viu lá o seu violino sobre - uma samarra cor de pinhão a onde tinha um velho relógio com uma pequena corrente de ouro que pertencia ao seu avô.

E numa morosidade lenta levou a - tampa ao seu descanso, e por um pequeno - silêncio olhou para a parede onde se perpe-

tuava a imagem de cristo crucificado.

E suplica na minha alma tudo ixiste, tudo é triste, deitando-se na mesma enxerga aonde os seus avós esqueceram para - sempre o sofrimento de tanta dor, que no profundo desalento das suas mágoas.

José Fernandes Barbosa tenta esquecer o sofrer, numa noite de tanto lamento.

Sofrendo sem sossego, as - lagrimas da saudade. Dum valente soldado que - navegou por mares e mares.

E no regresso encontra tudo - vazio estando na eminência de ser ajudado por alguém.

José Fernandes - Barbosa vinha doente Foi como tinha dito o velho Satiro - da Barbearia ao seu avô, segunda - feira às quatro e meia da tarde passam os soldados de Viana do castelo que vão para a Africa coitados quando voltarem vem doentes.

E assim tudo aconteceu.

José voltou, mas com ele trazia a doença, de momento sentia arrepios de frio de seguida tinha calores e suores.

Mas foi ali que encontrou o seu- abrigo num miser casebre de madeira umido e frio que pela solidão da noite a saudade - tem mais dor e mais sofrimento.

A noite tinha passado.

José Fernandes Barbosa abre uma janela do casebre e ve que o sol já brilhava lá do alto monte de Airó

José vai ao cemitério da sua aldeia visitar a campa dos seus avós e lá rezar- a oração do pai nosso, pela alma - daqueles que ele muito amou, e quando lá - chegou viu que alguém já lá rezava,

Era avelhinha de cabelos - brancos que

As forças da natureza



Numa noite de tempestade José Fernandes Barbosa tenta fugir pela velhinha - ponte trazendo consigo o violino e a samarra que herdou do seu avô.

lhe indicou o casebre dos seus avós.

A idosa senhora lhe falou.

Filhinho tem coragem, o mundo é - feito assim, eu eide sempre trazer flores.

à campa dos teus avós, agora a vida tem que-se encarar como ela é, fica com Deus nosso Senhor.

A bondosa senhora se retirou indo à sua vida, ficando o Jovem José ao silencio do seu sofrer, que num sinal da - crus José regressa a sua casa, ao começo -duma nova vida, trabalhando de mineiro - em poços e minas.

José Fernandes Barbosa, nunca chegou a recuperar devidamente a sua saúde.

Se um dia andava melhor no dia seguinte piorava sentindo-se cada vez mais fraco.

E desempregado, mete-se à estrada de Airó a Barcelos, com o destino ao dispensário dos doentes pulmonares, que se perpetuava no campo 28 de Maio - próximo da Ilha do Coutinho, e vem perto da Igreja dos capuxinhos.

E já nesse lugar, José Fernandes Barbosa encontrou outros doentes que esperavam o doutor, Entretanto chegou o clinico que era o doutor Marinho especialista da doença pulmonar. Que ao chegar a vez do José, o doutor o medicou dizendo-lhe tu estas um pouco fraco, mas dos pulmões estas bem, faz por-te alimentares.

José Fernandes Barbosa meteu-se novamente à estrada, a caminho de Airó.

O Jovem José melhora um pouco - continuando com a arte de mineiro.

Mas o trabalho entra em crise, estava-se no inverno, e por toda a parte a miséria reinava por todos os trabalhadores.

E numa noite tenebrosa de um inverno

terrível, pungente e doloroso em que - as águas torrenciais começavam a desabar pela serra a baixo numa noite assustadora que sobre o trovão e o relampago, aquele povo rezava pedindo a clemência de Deus.

Dizendo vai trovoadas vai para o - monte de maninho a onde não aja pão nem - vinho nem bafinho de menino.

Naquele momento ouve-se um grito de aflição.

Era o tio Jaquim da azenha que gritava fuge rapaz, fuge rapaz, na verdade a noite estava em desassossego, o céu parecia - um inferno, os astros andavam em guerra, e o regato se estendia constantemente no - seu caudal, levando tudo à sua frente.

José Barbosa tenta fugir pela ponte de madeira velhinha e recequida, e corcomida - a desfazer-se em bocados, levando consigo o seu violino e a samarra cor de - pinhão que tinha sido do seu avô.

Foi ao ultimo passo ao terminar da - velha ponte que José vê a ser arrastada pela forte corrente que por - fatalidade - tudo levou, ficando sem o seu miser pobre lar.

José Fernandes Barbosa, estava doente e fraco, e vencido pela vida, mete-se a estrada da misericórdia - caminhando pelos caminhos da infelicidade, duma - miséria - irresolúvel sem compaixão que na - indigência da vida vai com destino a Barcelos sabendo que os padres capuchinos - davam - pão aos pobres, foi parar ao campo 28 de Maio. Que ali encontrou o seu abrigo, - de baixo do alpendre do dispensário.

José Barbosa tinha 29 anos de - idade, e em pouco tempo começou a ter a expressividade da representação da imagem de - nosso - senhor Jesus Cristo.

A barba se ondulava no rosto.

A residência da Isaurinha Ramião onde mais tarde foi construído, o edifício das Vinagras.

Largo dos capuchinhos.



Um aspecto da antiga residência da-
Isaurinha Ramião, a onde se alujava o
Louro chapeleiro, o músico do -bronze
que na característica da estrutura do
edificio identificava ter sido pensão
e taverna, que no indicar do - desenho
se observa a pequena casinha que, une
à moradia do Acacio Coutinho, que - ao
terminar conjuntava com a oficina - do
carpinteiro Francisco da sega, - sendo
depois construido o edificio EDP=

Com o seu cabelo negro.

E de manhã ao nacer do sol, ia ao fontanario lavar as mãos e o rosto, e bebia um poco de água, depois caminhava em direcção ao adro da igreja de s.t Antonio e se assentava no muro do adro, - depois lá vinha o Frei Ramião e lhe dava uma fatia de pão. Que nem sempre os capuchinhos tinham pão para dar aos pobres.

O convento era pobre, e por vezes tinham que aguardar a benevolência dos seus benfeitores.

Naquele tempo quem tocava os - sinos da igreja, era um moço que trabalhava no chapeleiro da rua direita, chamava-se louro vivia muito pobre tinha um quarto alugado na casa da Isaurinha Ramião, num predio antigo que se chegava à casa do - Acacio-Coutinho, a poucos metros da igreja de S.t Antonio.

O Louro aprendeu - a tocar - numa velha igreja dos terceiros que existia no campo da feira.

Essa igreja era muito - velha acontece que a torre se desmoronou e ao cair o sino maior ficou raxado perdendo o som original.

Foi pela data de 1926 que os empregados do banco de Barcelos jogaram na lotaria e foram agraciados pela - fortuna da sorte grande.

E por devoção mandaram construir a igreja de s.t Antonio, e como é obvio os sinos mudaram para a nova igreja.

Falava-se nesse tempo que a imagem - do s.t Antonio foi esculpido por o sacristão da velha igreja de terceiros.

Existia uma taverna no largo dos capuchinhos. O proprietario chamava-se Domingos da Paz, ele dizia que o santo Antonio era seu primo, que tinha sido o seu tio o escultor da imagem. Sendo - ele o sacristão da antiga igreja de terceiros.

Foi por essa data que o Louro chapeleiro começou a ser o sineiro da nova igreja

O louro tocava todas as rapsódias - daquele tempo, e toda a gente - prestava a tenção á música que ele tocava

O Louro como sineiro não havia melhor.

Ele tocava por paixão e sem - qualquer, proveito.

Era dado ao sossego, e muito gentil. era magro e baixo usava sempre chapéu, e quem lhe fala-se do carrilhão ele ficava radiante de alegria.

E como é óbvio José Fernandes Barbosa - vivia na maior miseria, o seu tecto era o alpendre do dispensário, a poucos - metros da ilha do Coutinho que ao entrar do tunnel ficava a casa do Tito - fiandeiro, um antigo jogador do - Gil Vicente, e reparou que José Barbosa tremia de frio, que - ao embate dos ventos ia - passar a noite de baixo do alpendre, sem ter um agasalho.

O Tito e a sua mulher formavam um casal digno e perfeito, que pela - grandeza - de alma estavam sempre prontos a - brotar a, sua manancial bondade, que na ciência da moral eram dignos de um tão nobre coração que por nobreza lhes deram - uma - manta, aquele que por indigência ia passara noite naquele alpendre que se - figurava com duas colunas.

O povo da ilha do Coutinho eram pessoas de bem, que por essa tão grande istima O senhor Coutinho, e sua esposa dona Ana, se orgulhavam dos seus caseiros.

Nesse tempo a miseria se estendia por toda a parte.

Estavamos na segunda guerra Mundial.

E para-se adequar qualquer - géneros alimentícios. O povo tinha - que - ir à câmara buscar uma senha - para entregar ao seu merceeiro.

O bom povo passava fome, porque o alimento tornava-se escasso nada avia.

Os ricos iam-se safando com o dinheiro que tinham, por-que naquele tempo havia o contrabando, e com muito dinheiro tudo se conseguia.

E assim faziam face à vida.

E quando se constava que a padaria ia abrir para vender pão, o povo esfomeado ia para as portas da câmara para que lhe entrega-se uma senha.

A gentil S.^{ra} D. Ana Coutinho - tinha a ocupação de se ocupar dos arrendamentos das casas.

E mandava um empregado à Ilha - saber - como tudo lá corria.

Esse empregado era um homem já - idoso chamava-se chuva.

depois de tudo indagar, dava todas as informações à s.D. Ana.

E a seguir voltava à Ilha com os recibos, e entregava aos caseiros.

Acontece que algumas - inquilinas lhe diziam Ó, tio Chuva o meu marido já à muito tempo que se encontra doente e neste mês só trabalhou uma semana.

O velho Chuva com um sorriso dizia não diga nada a senhora D. Ana esta sabendo de tudo, eu não lhe trago o seu - recibo e quando o seu marido trabalhar va, lá - pagar.

Os Coutinhos sabiam que os seus caseiros possuíam dignidade, que por essa honra nunca, ninguém afirmou - que o senhor Coutinho e sua esposa D. Ana, tirasse o lar ao seu inquilino.

Nunca isso aconteceu na história da Ilha.

Os Coutinhos eram pessoas de bem - que na inteligência e moral, tinham sentimentos que exemplifica a nobreza de um coração nobre que na honradez eram respeitados, por todos os Barcelenses.

Os Coutinhos eram de Vinhós, Vila Real.

Vieram para Barcelos na flor da juventude, tratando de negócios, que na grandeza de espírito comercial se tornaram os maiores de Barcelos.

Eles construíram - grandes edifícios, assim como a casa aonde moravam na Avenida dos combatentes da grande guerra.

Sendo aí o seu comércio de cereal.

Depois construíram a fábrica de serração, na avenida da estação.

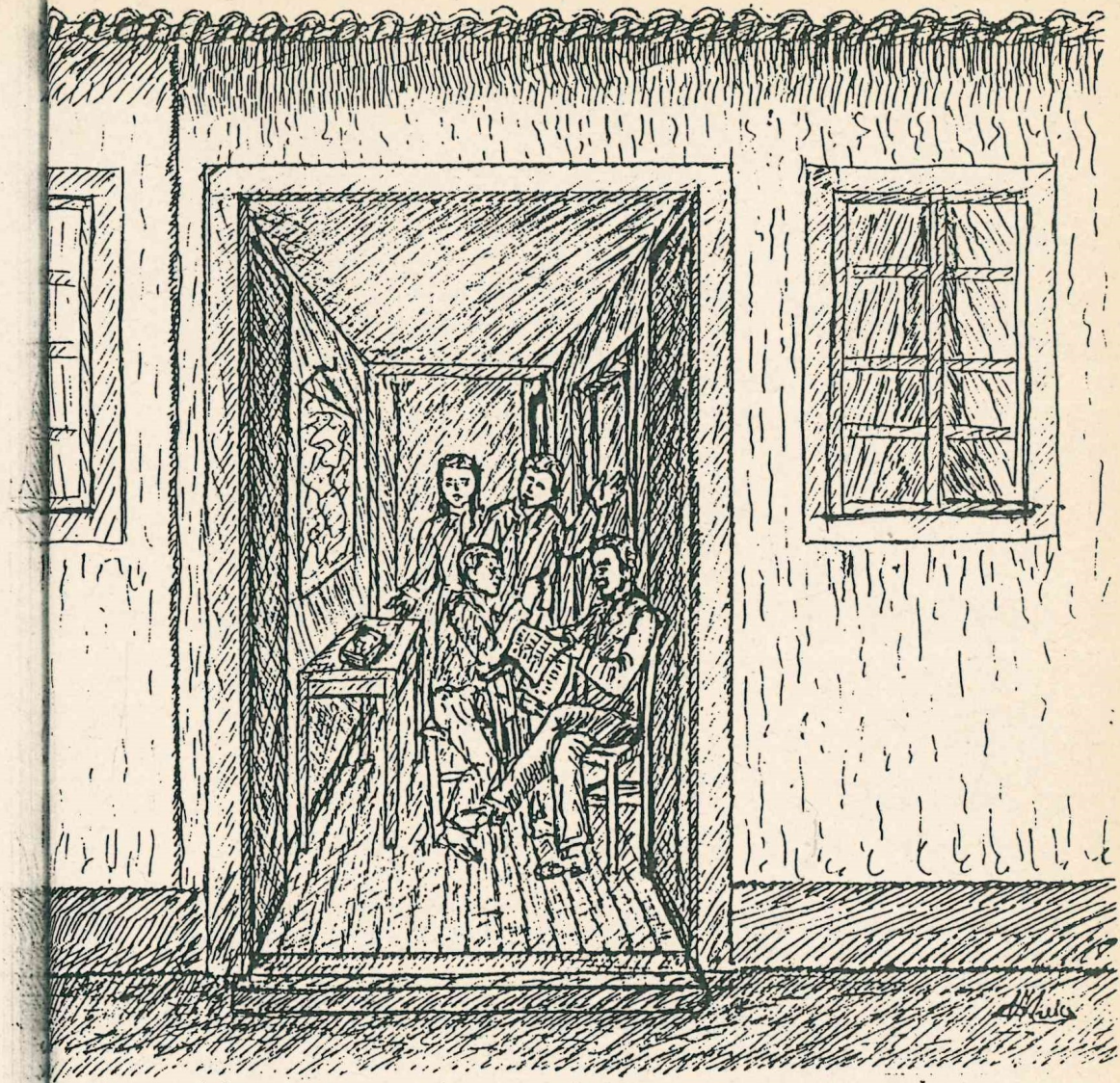
Era uma fábrica das melhores do norte do País, que na - exportação de madeiras eram os maiores, tendo serradores bem especializados, empregando muitos operários tanto na serração como no escritório.

Foi por essa força de espírito comercial, que os Coutinhos - ajudaram a viver muitos chefes de família a enfrentar os dias difíceis da vida, em - que a guerra fazia sofrer toda a humanidade.

Mas o povo da Ilha, lá iam vivendo conforme atracção daquele mundo em - que se vivia.

E como é óbvio a primeira casa ao entrar do túnel da Ilha, era a do Tito fiandeiro, depois morava o Carlos Labita,

Inteligência sabedoria e talento



Antonio Leão Martins lendo o jornal notícias, que em dialogo com os seus-filhos faz um estudo sobre a segunda guerra mundial, tendo na parede o mapa - mundo, -que no tracejado - dos desenhos - observa os factos duma vida difícil e cruel, sem-compaixão.

Que na virtude do seu talento era possuidor duma grande sabedoria.

tinha a profissão de serrador, fazia parte do sindicato.

Era um homem inteligente, estava sempre agarrado à escrita e muito prestável, a dar apoio aos seus colegas de trabalho.

Na quarta casa morava A Teresa Rentim - carreteira que se chegava - à quinta casa que residia o mestre Antonio Leão Martins um homem de muita experiência da vida,

Possuidor duma grande sabedoria.

Todos os dias comprava o jornal notícias, que por esse entender o - mestre Leão Martins sabia tudo sobre a guerra.

Antonio Leão Martins tinha um mapa mundo que se estendia na parede mesmo ao entrar da porta da sua casa, e com o jornal explicava aos seus amigos tudo o que se passava, e dizia foi aqui que se deu um terrível combate, e nesta linha segue centenas de prisioneiros.

Aqui fica o campo de concentração.

Depois de observar a sua leitura dizia os nazis vão perder a guerra.

O mestre Antonio Leão Martins - era um homem de muita simpatia, quando falava todos lhe prestavam a maior atenção, que à ciência do seu saber, todos aprendiam um pouco.

A seguir à sua casa morava - o Antonio Carvalho tendo a profissão de calçador e pintor, era conhecido por Antonio soldado

Depois ficava a última casa que era do grande mestre sapateiro Antonio papa-goma

E defronte à casa do Antonio Leão morava Joaquim Silva Areias.

Conhecido por Joaquim da Helena.

Mestre pintor, estucador e decorador.

Era um artista que trabalhava - pela igreja e salão nobre, especialista em pátio

na de oxidação das tintas pela acção do tempo e a sua transformação lenta - pelo efeito da luz, a concreção terrosa à mitabilidade, de marmores a especie verde-te e bronze que na imitação do - arremedo de madeiras era um artista fino, perfeito relevantemente talentoso, e muito apaixonado pela música, que primorosamente tocava guitarra Francesa.

Aos sabados ao anoitecer Joaquim Silva Areias e Antonio Leão Martins juntamente com Antonio soldado iam à taberna do Domingos da Paz, ouvir o fado e a guitarra do famoso Armandinho.

E lá na taberna bebiam a sua malguinha entretanto o Domingos da paz - ligava o radio, e procurava a onda da missora nacional anunciar que se ia cantar o fado.

E lá começa a guitarra do - famoso Armandinho que no dominio da guitarra era um artista de grande merito que por excelencia estava considerado o melhor.

Todos os Portugueses adoravam ouvir o maior guitarrista, em que o mundo consagrou como um artista notavel - que pelo seu valor era admirado portoda a gente que pela simpatia e sentimento quase fazia falar a sua guitarra,

Depois de tudo acabado os três amigos voltaram à Ilha.

Antonio Leão e Silva Areias eram dotados de uma riqueza intelctual, alem de terem conhecimentos da vida, - tinham a sabedoria e a boa maneira de expressar o bom termo da palavra, que - na faculdade do seu saber tinha aproveitamento.

Antonio soldado escutava os seus ami-

gos, e comentava, isso é que é saber falar, vocês sabem ponderar a - pontualidade das palavras falando com as letras, seria uma honra se vocês escreve-se a - historia da Ilha do Coutinho.

Antonio Leão Martins, ouviu com atenção o que dizia o seu amigo Carvalho e comentou, sim é verdade a Ilha do - Coutinho é um recanto de muito poema e tudo que tem poema tem drama e historia.

Mas ao desenrolar dessa mesma historia outras personagens terão que entrar em cena numa comédia tão dificil interpretada por tantos sacrificios, porque - a vida é um palco em que a humanidade vai - representando dia a pós dia todos esses argumentos, que determina com o raciocinio destinado ao sentimentalismo que ao equilibrio da representação da história vai continuar nas nossas mentes, e mais tarde os nossos filhos são dignos de narrar uma historia veridica e real.

Que por dignidade vão se orgulhar daqueles que lhes amostraram o - caminho da vida e da verdade.

Antonio Soldado era um bom companheiro que prestava muita atenção ó que - dizia os seus amigos.

E quando os seus - vizinhos lhe diziam S.r Carvalho as telhas do - meu telhado estão corridas e já chove sobre o berço do meu menino. O mestre Antonio soldado logo se aprontava a ir ao telhado e colocava as telhas no seu lugar, depois de tudo estar pronto dizia agora já não entra a chuva.

E por essa simpatia e gentileza todos lhe queriam bem.

Antonio Carvalho conhecido por o soldado, foi militar no batalhão de Barcelos que por uma pequena - diferença - de idade não foi mobilizado para a guerra de França de 1914, em que a guerra - fez sofrer toda a humanidade, alastrando por toda a parte a terrível doença pneumónica a pós guerra de 1914-1918.

Acontece que Joaquim Silva Areias andava a pintar o tecto da igreja da santa casa da misericórdia e de momento disse ao seu colega de prancha, eu não me encontro bem, da-me uma mão que eu vou cair

Joaquim Silva Areias - assenta-se - na prancha e com uns minutos de - descanso disse ao seu colega de trabalho, vou descer.

Estando já fora da prancha assentou-se no banco da igreja.

E de seguida chegou a madre superiora e notou que o pintor estava - doente de uma polmonia, alem de estar com mais de quarenta de febre ficou - internado no hospital, estando em casa a sua mulher e o filho tambem doentes.

Mas uma senhora da ilha - do Coutinho que era a mulher do Antonio Soldado falou para a mulher do pintor e comentou á manhã vai haver pão na padaria baptista, eu fui á câmara e pedi duas senhas, uma é para ti, eu falei que tinhas o teu marido doente no hospital, e que tu estavas de parto.

Se tu quiseses eu compro o pão para ti creio eu que as quatro horas da madrugada já deve estar gente, eu vou - sedo a ver se consigo trazer um bocado - de pão para dar aos meus filhos.

A mulher do Antonio Carvalho - tinha o mesmo apelido do seu marido.

Era conhecida por a Rosa do soldado.

E Como é óbvio a Rosa do Soldado se encontrava ao lezar dos passos lentos e seguiam num desfile no passeio da - fome e sofrimento que no dificultar da respiração em passos mórribidos que no sufoco lá seguiam ao encontro da padaria.

Eram quatro horas da madrugada, os sinos do relógio da torre da câmara davam horas. Mas a noite estava péssima o céu

estava com nuvens negras e de - repente começou a chover e a ventar e de longe a longe se ouvia o estrondo do trovão : que ao sofrimento da noite ali se encontrava crianças e mulheres em estado de gravidez como fosse uma noite sem Deus, que ao sacrificio de tantos : ais - ninguém - se afastou dos seus lugares.

Eram dez horas da manhã, a tempestade tinha passado e por entre nuvens o sol ia espreitando.

A Rosa já tinha o pão e de lá se retirou que pelo sacrificio de ausencia - de culpa ali se encontravam decaídos - pelo o sofrimento da noite - defrontada pela chuva e pelo vento.

Mas ao chegar a ilha a Rosa entregou o pão á sua amiga.

O doutor Marinho sabendo - que Joaquim Silva Areias tinha um filho, mandou uma freira á ilha do Coutinho saber como se encontrava, dizendo que a doença do pai tinha as características do tifo que no infecto de contagio podia passar para a familia.

Mas a freira se enteirou que o filho do pintor Joaquim Silva Areias se encontrava doente com a mesma doença do pai e por isso a freira pediu que leva-se o menino ao hospital.

A Rosa do soldado pega no filho do pintor e o leva para a mesma enfermaria ficando pai e filho com a mesma doença pulmonia, estando entregues ao clinico doutor Marinho.

passaram-se quatro semanas.

Joaquim Silva Areias teve alta, mas o seu filho ficou.

O doutor Marinho entendeu - que devia permanecer mais algum - tempo, deixando-o no sono da manhã.

Eram dez horas, em que o vento e a chuva se esbatia fortemente - contra as vidraças das janelas daquele edificio que o fez despertar o sono matinal duma manhã chuvosa que ao silêncio das horas tristes, a criança olhou para o leito do seu pai e viu que lá não se encontrava a cama estava desocupada. E Perguntou a um doente por o seu pai.

O doente lhe respondeu - que não deu conta de nada.

O rapaz tinha a sua roupa num pequeno movel junto á cabeceira da cama.

E num rapido gesto - se vestiu e por a calada abandona a enfermaria e vai para a sua casa.

Joaquim Silva Areias quando - vê o seu filho lhe dis, tu tens que voltar - para

Memórias do passado



Numa noite penosa ,fria e húmida que no desagradavel sofrimento o bom povo seguia em passos morbidos ao alcance da- padaria Baptista para adequerir um quilo de pão.

1940

o hospital, tu podes recair, e como defacto o seu pai o levou ao mesmo leito que o seu filho tinha abandonado, e ali se permaneceu mais duas semanas, que finalmente se restabelecia da sua doença, que - pela sua cura voltou para junto da sua familia.

Joaquim Silva Areias continua na actividade de pintor, e com o mesmo sentimento pela guitarra francesa. e com os seus amigos faziam as suas serenatas de - fim de semana, com a mesma alegria e lá se cantava o fado.

Mas naquele tempo o fado era - cantado com o mais puro sentimento, porque a vida assim o permitia.

Talvez fosse o desabafo - daqueles que neste vale de lagrimas tudo era sofrer.

Mas aquele que mais - sofria era o José Fernandes Barbosa que - continuava a prenoitar de baixo daquele alpendre húmido e frio sem qualquer ajuda, ao - sofrimento - que a vida lhe dava mostrando no seu olhar a imagem de nosso senhor - Jesus - Cristo que aos olhos da humanidade também tinha a sua cruz, que por sentimento o seu rosto foi desenhado a carvão por o grande mestre pintor Barcelense, Gonçalves Torres.

Um dos melhores pintores da historia de Barcelos, estudou na escola das belas artes no Porto.

Foi professor de desenho em - Viana do Castelo.

Gonçalves Torres um artista - talentoso especializado no retrato, na - caricatura na paisagem que na inteligência - do seu saber nunca sera esquecido, que inolvidavelmente é digno de memoria que para sempre sera lembrado, um - insigne - artista destinto e notavel, que por seu voto - de

dignidade também teve o seu sofrer.

Ele conspirava, e dizia o nosso estado esta a fazer muito mal ao - povo não faz nada de bem e tudo vai a pior, e por esse preceder, perdeu o emprego que nunca mais foi professor de belas-artes, foi por essa circunstância o jovem - Gonçalves Torres teve que enfrentar os dias de - árduo da vida - artística, andando dum lado para o outro com o seu cavalete de pintura.

Mas ele deixou grandes obras em - Viana do Castelo, como a faina do mar.

Ó quando o mar galga a terra, ou aquele velho lobo do mar, que muitas - vezes dá alento de corage e esperança aos seus rapazes, que na impetuosidade da agitação das forças do mar o velho lobo dizia coragem rapazes, nos vamos alcançar a terra.

Gonçalves Torres, pintor Barcelense.

Começa a pintar na sua terra, que - em Barcelos se fez o poeta do Cávado, pintando directamente a imagem da natureza.

Pintou retratos de benemeritos da Santa casa da misericórdia, pintou os Comandantes dos Bombeiros voluntários de Barcelos.

Assim como o retrato de João Duarte.

Fez desenhos para os jornais.

pintou senarios para o teatro.

Foi autor dos desenhos da historia escrita por o Vieira, socio Da fabrica - do João Duarte, livro esse que narrava a vida do Vieira no Brasil, que na sua juventude tinha sido caçador de feras.

Mas foi no - retrato do José Fernandes Barbosa que o mestre - pintor Gonçalves Torres amostrou o seu grande talento retratando aquele humilde que na expressão do seu olhar mostrava a sua dor, que na pacificidade do seu sofrimento vivia sem

ódios e sem vinganças que na - humildade enfrentava a sua cruz, que aos - espinhos da vida ia vivendo de baixo daquele - alpendre sobre a miseria e a desgraça, sem ter ajuda de ninguém.

Apenas tinha a sua irmã, que também vivia pobre, e como é óbvio morava em vila do Conde.

Mas ela muito queria ajudar o seu irmão e tiralo daquele calvário.

Foi numa Quinta-feira - que sua - irmã Maria Hortênsia veio a Barcelos e foi ter com o seu irmão José e o encontrou assentado sobre os degraus do alpendre do dispensário e implora-lhe. Ó meu irmão anda comigo para Vila do Conde eu já falei com o teu conhado ele está a tua espera tu aí morres de frio.

José Fernandes Barbosa lhe respondeu oh minha irmã tu tens quatro filhinhos o teu marido nem sempre tem trabalho e que vou eu fazer para a tua casa, eu não quero tirar o pão aos teus meninos, vai à tua vida deixa-me em paz.

A sua irmã Maria Hortênsia - começou a chorar e comentou, sai dessa ternura sem defesa meu irmão.

José insiste novamente, vai à tua vida, Maria Hortênsia tirou duma bolsa de palha uma pequena broa de pão e lhe diz pega, é para ti.

José lhe respondeu, leva para - os teus filhos, eu já tenho o meu estômago - seco da fome que eu tenho passado.

Vai minha irmã que eu fico no - meu recanto.

Maria Hortênsia não convenceu o seu irmão e se retirou, e a pouco mais de vinte

passos o José a chamou.

Minha irmã, minha irmã, Maria Hortênsia parou e veio ter com o seu irmão pensando que o seu irmão iria com ela.

Mas nada disso aconteceu, o José tirou do bolso da - samarra o relógio com a corrente de ouro que herdou do seu avô e lhe diz pega minha irmã dá ao teu marido que para mim não tem utilidade, o relógio que - me acompanhou até ao fim da minha vida.

Maria Hortênsia lá seguiu o seu caminho levando consigo o velho relógio.

E por ali ficou o seu irmão, na sua estreita miséria fazendo do seu leito o empedrado húmido e frio, naquele - alpendre que se intensificava com duas colunas que ao desagradável - desassossego, ia - afangando as lágrimas do seu - sofrimento, naquele improprio tecto que pela sua modéstia ali sofria um ser humano ao - sacrificio que a vida lhe dava.

E quando cai a noite o sol candente vai descendo em ouro os ultimos raios que se projetam sobre as vidraças das janelas do dispensário, e depois surjam as estrelas na sua infinita pulverização, que ao silencio da noite - José Fernandes Barbosa foi acordado pelo sentimento de uma canção de amor, vindo a audição - de uma janela da casa do Acacio Coutinho, talvez um dos seus filhos ligasse o radio que por coincidência cantava o fadista Carlos Ramos que foi escutado por José Fernandes Barbosa que o fez recordar a sua amiga de infancia Maria da Graça.

A partir daí o jovem José fez melodiar o seu violino com a mais linda canção de amor, que pela divina graça lhe dava.

Gentil cavaleiro



Cavaleiro simples, e modesto, que na delicadeza e mesura, o Figueiredo - era respeitado por toda a gente.

tanto sentimento.

Que por essa data Joaquim Silva Areias se encontrava de boa saúde, assim como todos da ilha do Coutinho.

MAS - chegado à casa - de Joaquim Silva Areias morava o Figueiredo negociante de gado, um homem de boa paz, todos os dias ao nascer do sol saía para os seus negócios com o seu obediente cavalo - que o conduzia para toda a localidade.

E ao pôr do sol lá voltava, que na hombridade de carácter, toda a gente o respeitava, aquele cavaleiro honesto e honrado, que num gesto lendaro desviava a sua capa alentejana e tirava do bolso do colete uma moeda de prata, que pela sua bondade ajudava o pobre - necessitado, e continuava a cavalgar em direcção ao túnel da ilha do Coutinho, como um marialva que as regras de cavalgar era um cavaleiro exemplar, gentil e honesto.

O Figueiredo negociante de gado.

Ele tinha uma propriedade em S. Martinho próximo de Abade de Neiva que por esses haveres na sua casa nunca faltou o pão.

A mulher do Figueiredo chamava-se Emilia, era uma senhora alta e legante, trabalhava na fabrica do João Duarte.

A D. Emilia era mãe de duas encantadoras meninas que pela grandeza de sua superioridade era uma mãe exemplar.

A sua filha mais velha chamava-se Maria Joaquina, contava dezasseis anos de idade.

A sua irma mais nova, tinha o nome da sua mãe Maria Emilia que pela sua graciosidade e beleza era o carinho dos pais.

Maria Joaquina era bela e formosa que pelo seu belo corpo sinzelava a mais perfeita e formosa mulher, que pela sua fina sintura - distinguia-se semelhante beleza.

Maria Joaquina tinha dotes de sabedoria que na inteligencia e grandesa tinha o sentimento pela arte de - costura que por essa data já era considrada como Excelente costureira.

A sua mãe Maria Emilia era uma senhora de bem, e muito a cautelosa.

Ela sabia que os jovens não tiravam os olhos de sua filha Maria Joaquina, e receiava que ela podia ter uma - paixão de amor por um rapaz que a não - a fize-se feliz.

E quando saia para fazer as suas compras a D. Emilia mandava a - filha mais nova fazer-lhe companhia.

E lá iam as duas briosas - irmãs, que pela admiração e civismo eram respeitadas. Mas um dia, a Maria Joaquina encontrou o seu amor verdadeiro, que na atracção do seu olhar simpatizou com um jovem que ao respeito da sua - lealdade, o seu coração ficou a sofrer de amor.

Que pelo facto da verdade o jovem era culto que na formalidade - de cortesia e delicadeza, foi muito respeitado perante os pais de Maria Joaquina.

A D. Emilia era uma senhora muito compreensível que na superioridade - do seu respeito, diziam que era muito económica

Na verdade, ela é que governava a sua casa, e por essa sabedoria - possuía um coração cheio de bondade.

Todos os anos fazia o tradicional sarabulho, e toda a gente da ilha se deliciava, entrando todos na - mesma festa que nada faltava ó bom - peladar que na igualdade, todos tinham o mesmo conforto

Os dias correram, e todos continuaram com a mesma compreensão, de um povo notável, inspirado pelo pensamento literário e artístico, em que a arte é alma é vida e nobresa.

O Sentimento dum poeta



Ao arpejo da guitarra, - Antonio Leão Martins canta o fado, que pela mágoa do seu sofrer a sua dor se a calma ao convívio dos seus prezados e sinceros amigos.

Que ao proveito da civilização é o trinunfo poetico da vida e da ciência.

Em que a arte é a grande tendencia humana e da tribuna filosófica.

Que ao lucho da decoração, aqueles artistas mostraram o mundo a ciência - das suas artes trabalhando - condignidade ao proveito da verdadeira emoção dos grandes fenomenos naturais.

E assim diziam aqueles mestres das artes, que a obra de arte é - uma forma de expressar os sentimentos de um artista.

Foi num sabado à + tardinha - que Silva Areias começou a tocar guitarra.

Os apaixonados do fado logo se chegaram e ali se cantava o fado.

O Figueiredo era - vizinho - proximo do Joaquim Silva Areias.

Francisco Figueiredo - assentou-se na sua cadeira de descanso e à sua porta ouvia a guitarra e o fadista que cantava o fado.

Francisco Figueiredo tinha uma filosofia própria ao seu modo de ver.

Talvez o seu talento dos seus - saberes estavam mais para o campo, que - sobre a natureza, era um doutor da sua profissão que no enxerto e no corte da árvore o da poda, se colocava ao grau da - sabedoria - que tambem tinha a sua ciência.

E assim lá ficava no seu recanto do seu sossego a escutar a + guitarra - do Silva Areias.

Entretanto o mestre Leão Martins começa a cantar o fado.

O Zé da samarra com dedos agarra - percorre a guitarra e ali se vê o fado.

Depois de ter acabado de cantar o fado do Zé da samarra. O guitarrista olhou para o Figueiredo e o convidou a cantar a sua cantiga.

O Figueiredo respondeu ao seu pedido e disse ó , rapaz eu não tenho jeito para cantar, mas já que me fizeram esse pedido eu vou cantar uma quadra.

O verso assim narrava.

A minha casinha é pobre
é pobre mas que me importa
chega para mim e para os meus
e também graças a Deus
a quem me bater a porta.

O guitarrista agradeceu e disse - lindo poema sr, Figueiredo.

Entretanto a D. Emilia vai à adega que ficava na ultima casa do - correr e traz consigo uma caneca de vinho, pondo também uma broa de pão.

depois o fado tornou-se mais castigo.

O mestre - Antonio Leão Martins canta outro fado.

Se eu fosse ladrão roubava
roubava a filha do rei
deixava a desgraçadinha
por um sentimento de amor
que triste sorte seria a minha.

Os versos de Antonio Leão Martins eram narrados conforme a sua inspiração sentimental, que no momento em que o guitarrista fazia solfejar a guitarra o mestre Leão Martins continuou com o fado.

Saudade triste saudade
No meu rosto se pode ver
Cruel é o meu destino
Que me faz tanto sofrer

Se a mágoa na minha alma insiste
Nos meus olhos se podem ver
Por um coração dilacerado
Eu sinto ver-me sofrer.

O meu destino está escrito
Nas paginas do meu sofrer
São cravos são espinhos
Na cruz do meu viver.

No meu lar vazio e triste
De luto votei por mim
Por uma infinita tristeza
Duma saudade sem fim.

Guitarra guitarra amiga
O fado vou relevar
Por um sentimento de amor
Eu canto para não chorar.

De poeta eu canto o fado
Ao meu modo de compor
O fado que es bem amado
Alevia a minha dor.

Que triste é este meu fado
À guitarra a soluçar
Reviver e ter coragem
Por tudo vou ter de lutar.

Nesta luta cordial
Muito terei de travar
Que por esta difícil vida
Serei um pai exemplar.

Mas presentemente os seus olhos presenciaram que à porta da sua casa - estavam os seus filhos assentados sobre a soleira. Eram dois rapazes e uma rapariga.

Antonio Leão Martins - despede-se dos seus amigos com a ultima quadra.

Saudade saudade
Muito é o meu sofrer
O sentimento de amor
Não é facil esquecer.

Antonio Leão retira-se e vai para o seu lar juntando-se com - os seus queridos filhos.

O mais velho tinha o nome do seu pai.

Chamava-se Antonio depois o Alvaro a mais novinha era a Duquinhas.

E por esse insolúvel sentimento, a sua casa se revestia por uma só coluna.

Porque a outra já tinha quebrado.

A sua mulher Maria Arezes já tinha falecido.

Antonio Leão Martins guardava - na alma as ultimas palavras da sua tão - querida amada esposa, que na despedida lhe tinha pedido.

Antonio olha bem por os nossos filhos.

Eu os levo no meu coração.

E ao dizer estas palavras os seus olhos fecharam-se para sempre.

Perante aquele quadro de dor e lagrimas aquelas crianças perderam a sua mãe - querida, que tanto amor lhes dava.

A D. Maria Arezes foi operária - na fabrica do João Duarte, que ao sacrificio de tantas horas de trabalho - ainda fazia a lida da sua casa, porque ela adorava - os filhos e o Marido.

Mas a vida é feita de sofrimentos.

Maria Arezes foi vitima de uma - doença incurável que em pouco - tempo a levou à separação daqueles a quem ela tanto amou, entregando os seus amados filhinhos aquele extremoso Leão, que por ela tanto chorou, que ao toque da guitarra implorava, eu canto para não chorar.

Na verdade ele arcava as - durezas - da propria vida repartindo o pão de cada dia.

Mas havia quem dissesse que a ilha - do Coutinho era como uma academia.

Foram grandes instrumentistas que - por lá passaram.

Foi pela data de 1943, que uma orquestra do Porto foi à ilha do Coutinho tocar, que em conjunto musical era formado por pandeiretas.

Os bandolins trinavam ao esplendor magnifico dos violinos, que ao acompanhamento do trecho musical, cantava uma - jovem senhora que ao sublime da sua voz pura e limpida, a musica era vivida ao sentimento daquele povo que por nostalgia do seu sofrer, escondiam a sua dor.

Mas o que é certo e ninguém pode - desmentir.

Foi na ilha do Coutinho que muitas vezes se cantou o fado Português.

Assim como os famosos Marcolinos que la iam com as suas guitarras e ali se cantava o fado.

Foram muitos artistas que por ali - iam afagando o sofrimento que ia na vida.

Mas os que mais sofriam eram as crianças que na fragilidade das suas lágrimas suplicavam, mãe eu tenho fome eu - quero pão.

É claro que é triste para um pai quando ouve um filho a pedir pão a sua mãe.

Que pela pureza de alma, a criança também tem sentimentos, que na sua inofensiva culpa vai representando nesta comédia da vida, que por - infelicidade vão sofrendo pelos dias de amargura, onde a humanidade vai pacificando ao sacrificio duma guerra que faz alastrar a fome por toda a parte.

Acontece que a mulher do Silva Areias encontrou-se com uma amiga do seu tempo, que era caseira do Gandara, fazia a quinta em S. Bras.

Essa senhora tinha o apelido de Maria Micocas.

Foi nesse encontro - que a mulher - do Joaquim Silva Areias lhe - pediu se lhe arranjava um bocado de milho para coser o pão para dar aos filhos.

Maria Micocas lhe respondeu.

Ó Maria tu es uma amiga eu até-te podia arranjar um pouco de - milho - mas é muito perigoso.

E se a policia descobre eu serei detida. A sua amiga lhe diz eu - mando o meu filho.

E que idade - tem o moço - perguntou a Micocas

A sua amiga lhe respondeu esta a fazer nove anos, ele é muito esperto, e S. Bras não fica muito longe.

Depois de tudo - acertado. O filho do pintor ficou de ir à quinta da Micocas.

Eram seis horas da manhã quando o filho do pintor - estava a chegar - a ponte de Barcelinhos, mesmo de frente à - casa do Conde Vilas Boas foi interpelado por dois policiaos altos e fortes e lhe perguntaram onde era a ida.

O rapaz ficou sem saber o que dizer ao ver aqueles esteios de coração pérfido e desleal à sua palavra, e por fim o aconselharam a dizer onde pretendia ir - que não estavam ali por sua causa.

O rapaz falou e disse.

A minha mãe encontrou-se com uma amiga do seu tempo e lhe pediu se lhe arranjava um pouco de milho para coser o pão.

OS policiaos tornaram-lhe a dizer vai à tua vida, nós estamos aqui para outro fim.

Mas o rapaz era - esperto, replicando a sua resposta, dizendo eu fico aqui à espera, eu não conheço a mulher, ela tinha dito à minha mãe que ia passar - com - um carro puchado a bois, por isso - eu - fico aqui à espera e quando esse carro passar eu ergo o braço e amostró a saca.

Depois aparece outro homem que tenta ajudar a policia, dizendo a mesma coisa, vai rapaz os policiaos não querem nada contigo.

Mas o rapaz reconheceu o intrigante.

Ele trabalhava na fabrica da fiação, no turno da noite, pertencia à - legião que algumas vezes o tinha visto fardado.

Depois o legionario - seguiu o seu caminho.

Os policiaos tambem se - retiraram e se esconderam na - estatua - de - D. Antonio Barroso.

A manhã se esfomava pela - brancura do intenso navoeiro que vinha do rio.

E reparou que os agentes estavam à sua

espreita a observar - se o rapaz seguia o seu destino.

Mas através da imensa - neblina o rapaz presenciou os reflexos das - fumaças do cigarro dos agentes.

A manhã estava já clara.

Os sinos da torre da câmara deram horas
O rapaz olhou para o relógio da - torre
e viu que já eram sete horas.

E por essa circunstancia soube enganar os agentes.

E já cansado de tantas vezes que irgueu o braço a todos os carros que passaram.

E como é óbvio nessa data o transporte era feito com carros puxados a bois - que constantemente passavam na estrada.

E por esse entender resolveu ir embora sem qualquer incomodo.

Mas os dois agentes deram conta que o rapaz se ia retirar.

E rapidamente se aproximaram.

Um dos agentes pegou-lhe na saca e perguntou o que tinha dentro, o rapaz - lhe respondeu é a moeda que eu ia pagar à lavadeira.

O agente olhou para o seu colega e disse vamos embora.

O rapaz com a sua especulação fez o seu teatro enganando os dois agentes, estando eles a espera do carro que finalmente não passou.

Foi por essa data que os padres - capuchinhos davam pão aos pobres.

Dizia um padre já - velhinho, feliz - é aquele que vê uma criança com fome e lhe dá um pouco de pão, que na representação da vida é o perfume de Deus.

Mas naquele tempo também havia pessoas de bem, que por nobreza nunca negaram - o

Ilha do Coutinho recanto de
tanto poema.



Neste desenho estilográfico podemos observar o aspecto do interior da - ilha do Coutinho, que há muitos anos foi lanterna do grande saber.

pão quem lhes bate-se à porta.

Eram as nobres Cardozinhas do largo de S. José, que pela tão grande bondade, tinham sempre pão para dar às crianças que iam bater à porta.

Na verdade o velho padre capuchinho falava com o coração quando dizia feliz é aquele que vê uma criança com fome e lhe dá um pouco de pão, que na representação da vida é o perfume de Deus.

Mas as nobres Cardozinhas - viviam felizes, porque elas reparavam na - candura da enocência duma - criança, que os seus olhos brilhavam de alegria quando lhe davam um taco de pão.

É Claro que o mundo andava em guerra e tudo que era colhido nos campos era vendido aos estrangeiros.

Alem de não haver trabalho nada se vendia, e por toda a parte se via pobreza, de tantos pobres sem abrigo, contando com o José Fernandes Barbosa, que continuava a passar a noite no alpendre do dispensário e outros tantos que se abrigavam no átrio da igreja dos capuchinhos que no desassossego do descanso ali passavam a noite ao vento e ao frio.

Mas a miséria era assim, o povo trabalhava sem horário, e quando - chegavam a velhos eram despedidos, e - sem qualquer ajuda, e por isso tinham que mendigar.

O povo da ilha do Coutinho era compreensivo e inteligente.

E em família diziam isto não - vai nada bem, vamos ensinar aos filhos as nossas Artes. E um dia podem voar para bem longe com as suas próprias asas mostrando ao mundo o seu saber, que ao - sacrificio da aventura ainda podem alcançar o triunfo

do alto cume, que na ciência da sabedoria a arte é foco de civilização e de grandes fenómenos naturais, que na ética - do bem saber os nossos filhos serem dignos do respeito e da moral, porque a arte é alma é vida é nobreza.

Foi por essa data que - no campo 28 de Maio morava um jovem que tinha muita simpatia pelo o povo da ilha do Coutinho.

Esse jovem chamava-se Manuel Ferreira.

Era conhecido por o Neca Ferreira, que também cantava o fado.

Era filho - dum viuvo aposentado - da guarda fiscal.

Neca Ferreira um jovem leitor - que na compreensão do seu saber tinha a faculdade de pensar e - conceber o entendimento, que predomina o pensamento intelectual que por intelligencia - falava o Português correto.

Nêca Ferreira tinha a - arte - de ler e compreender, quando lia uma obra literária ô científica, não tirava os olhos da sua leitura, mesmo que tivesse de - perder a a noite à luz de uma simples candeia, que na preponderância dos intellectuais - toda a gente dizia que no campo 28 de Maio morava um jovem de cultura e de sentimentos que ao convívio dos seus amigos era digno de respeito e cortesia.

Nêca Ferreira vivia com o seu pai, numa casa terria e antiga.

Mas foi nessa moradia que perpetuava as obras dos melhores escritores do mundo.

Assim como o Eça de Queiroz

Camilo Castelo Branco.

Victor Hugo. Alexandre Dumas.

Contando com outras obras dos - maiores genios da literatura, que foram dignos de

tanta celebridade, que na intelligência da grande sabedoria conquistaram a immortalidade, que na persistencia da arte e da nobreza defendiam a liberdade.

Nêca Ferreira quando entrava na ilha do Coutinho tinha sempre um livro - para entregar aos seus amigos leitores, que sobre as noites de silencio - percorriam as paginas das obras dos grandes - genios da literatura, que uma ô - outra - janela se acendia sobre as vidraças com reflexos dourados, reflectindo pela luz do petróleo. Foi pelo bom senso de Nêca Ferreira que muitas obras literarias entraram na ilha do Coutinho. Como o Martir do Golgta.

Os Maias.

A tortura da carne.

O Conde de monte cristo.

Os miseráveis.

O Pagem do Duque de Sabóia.

E outras tantas obras primas que foram lidas na ilha do Coutinho.

Foi pela data de 1946 que surge a festa da ilha, que por tradição todos os anos se realizava a cascata - do S. Pedro com uma luminação de copinhos, contendo tigelinhas com sebo, onde todos contribuiam com o seu donativo.

Era sempre o Figueiredo o mais prestavel que por seu voto prestava a dar - um pouco mais para a festa.

José Fernandes Barbosa - foi convidado para tocar violino.

Mas ele não deu a certeza dizendo que andava doente.

Eram duas horas da noite e lá - já não tinha ninguém, a festa já tinha chegado ao

fim estando todos nas suas casas, a penas ficou uma tigelinha - que - alumiaava o S. Pedro, reflectindo sobre a janela da casa do mestre Antonio papa-goma, que ficava no terminal da ilha, onde perpetuava a cascata do S. Pedro.

Foi por essa hora que o silêncio reinava na ilha, que - entrou o José Fernandes Barbosa com o seu violino, e perto da cascata levou o violino à face do seu rosto e começou a tocar.

Foi tal melodia que nunca - foi ouvida por ninguém.

Talvez fosse o sofrimento da vida que o leva-se a compor a propria dor que ele há muito ia sofrendo.

Talvez o vento que faz ramalhar as árvores ao zunbido dos ventos, que no emballo de uma janela batesse fortemente e que os vidros caissem estilhaçados - sobre a calçada, que sonoramente fosse ouvido o gemido rouco dum doente.

E que o violino tivesse o efeito de vibrar o lamentável choro de - uma criança que no auditorio chame atenção da melodia a ouvirem a musica no coração, por um sentimento melodico de um violino que chorava sobre uma noite esfomada dum intenso navoeiro humedecido, que na solidão daquela hora em que a noite vai escondendo tanto sofrimento.

Mas o bom povo da - ilha o escutou com toda a reverencia divina.

Mas foi no dia - seguinte ao narcer do sol que uma senhora foi ao fontanario e vio o José Fernandes Barbosa, caído sobre os degraus das escadas - do alpendre do dispensário, agarrado ao seu violino, que

A sonoridade do violino
numa noite de silêncio



Na solidão da noite , um violino chorava melodiosamente a mais triste - melodia que num nevoado - poético - José Fernandes Barbosa despede-se dos seus melhores amigos que imerecidamente regressa ao - inaceitavel abrigo do - alpendre - do dispensário.

ao sofrimento da vida José Barbosa deu o fim à sua cruz.

Um soldado que por terras distantes e doentias servio a sua patria, que ao desprezo da humanidade não teve ajuda de ninguém, que na iludível apparencia figurava a imagem de nosso senhor Jesus Christo, que pelas lagrimas do seu sofrer levou a cruz ao seu calvario, aos 36 anos de idade.

Entretanto o povo - enternecedor se foi juntando e em murmúrio diziam neste pais os artistas morrem de fome, não - há quem lhes deia valor.

São desprezados até ao fim da sua vida.

Como tantos e tantos artistas que nunca tiveram ajuda de ninguém.

Depois chegou as autoridades para se certificar dos factos.

O povo ficou calado, apenas diziam que era um homem doente que à noite fazia do alpendre o seu abrigo.

E por ali ficaram sem mais dizerem.

Porque as pessoas rechiavam de serem importunadas pela pide, como conspiradores.

Dizia o povo daquelle tempo que as paredes tinham ouvidos, e por esse receio ficavam com a sua mudez.

Depois de tudo ter acabado, lá chegou o Louro chapeleiro.

E muito comovido comentou. Era um artista que tocava divinamente o violino que Deus dê paz a sua alma.

Foi um homem que muito sofreu.

hoje vou subir á torre e por homenagem lhe dedicarei a música que ele muito admirava recordando a Maria da Graça.

Eram sete horas da tarde o Louro se en-

contrava na torre da igreja dos capuchinhos, e como era habitual todos os dias tocava as suas rapsódias, onde se estendia um pranchão, que se refazia com umas tiras de madeira, que se prendia ao pranchão e se ligava com uns arames, que se prendiam a todos os sinos e com golpes de punho o Louro fazia tocar todos os sinos do carrilhão.

Foi nessa hora que o Louro-chapeleiro começou a repicar os sinos da torre, dando-lhe a sonoridade do som timbrado e melodioso, da composição musical, tocando em honra do - José Fernandes Barbosa, que pelo respeito e sentimento, toda a gente ficou atento, prestando - atenção aquela música que por afectividade foi dedicada àquele artista que na - solidão da noite, próximo da cascata, do S. Pedro, fez chorar o seu violino com a mais impressionante melodia.

Mas lá do alto da torre o Louro chapeleiro repicou os sinos que - em - harmonia musical tocou a salva rainha, mãe de Deus.

No dia seguinte à tarde o funebre do José Fernandes Barbosa, atravessou a cerca da santa casa da misericórdia com o padre e dois criados da casa, que transportavam a carreta funeraria para a última morada, com a urna feita de tabuas de pinheiro.

E lá seguiu desprezavelmente escondido com uma velha manta, que ao desprezo teve o seu fim.

Acontece que a partir daí, o tocador do bronze, nunca mais subiu à torre para tocar o carrilhão. Mas quem lhe fala-se de

sinos, o Louro ficava radiante de alegria porque os sinos era a sua paixão.

Dois anos de pois.

Teresa Rentim encontrava-se na estação do caminho de ferro à espera do - comboio da manhã, que vinha do Porto.

Depois do comboio chegar desembarcou um senhor bem trajado com duas grandes malas

Teresa Rentim se abeirou do viajante, e se ofereceu com os ses prestimos, dizendo que era a Teresa carrejona, votando - as malas ao carro, seguindo pela Avenida da estação que no diligenciar do seu esforço o carro começava a rodar numa subida que ia da estação à igreja - dos Capuchinhos que na continuação da Avenida, a Teresa carrejona lhe diz o senhor é muito parecido com um rapaz que muitas vezes foi ajudado pelo povo da ilha do Coutinho.

Diziam que ele já tinha sido rico.

A Teresa Rentim - arrependeu-se do que estava a dizer e deu por terminado, a sua história.

O carro continuou no seu movimento. E mais adiante o viajante lhe diz eu acredito no que a senhora me esta a dizer mas, se esse rapaz, é parecido comigo é natural que podia ser um parente afastado. Não meu senhor, disse a carrejona, eu não sei bem o que digo, eu sou uma analfabeta.

O viajante lhe respondeu, não diga isso.

A senhora sabe bem o que esta a dizer, e se a senhora tiver a bondade de me contar toda a história, eu lhe vou agradecer.

E lhe pagar com muito dinheiro.

Por favor, conte-me tudo o que sabe sobre a vida desse rapaz, que já foi rico e acabou na miséria.

A Teresa carrejona escutou o viajante e não se renegou ao seu pedido, dizendo, se o senhor faz questão em saber, eu vou contar tudo o que sei.

A Teresa carrejona começou a narrar a história.

Esse rapaz era neto dum senhor que tinha uma quinta em Airô, acontece que o moço foi militar em Viana do Castelo, depois dum ano já dado na vida militar, foi numa expedição de tropas para África e nesse intervalo os velhos adoeceram e tudo foi parar as mãos dum intruso capitalista, que por infelicidade o jovem soldado doente e sem ajuda, veio parar ao alpendre do dispensário. Eu quando podia lhe dava a sopa.

Mas ele tinha uma irmã em Vila do Conde está casada com um pedreiro, mas coitada vive muito pobrezinha.

Ela chegou avir aqui ao dispensário para o levar consigo.

Mas ele recusou, e por ali foi ficando, até ao ultimo dia da sua vida.

E Como se chamava esse rapaz, perguntou o viajante.

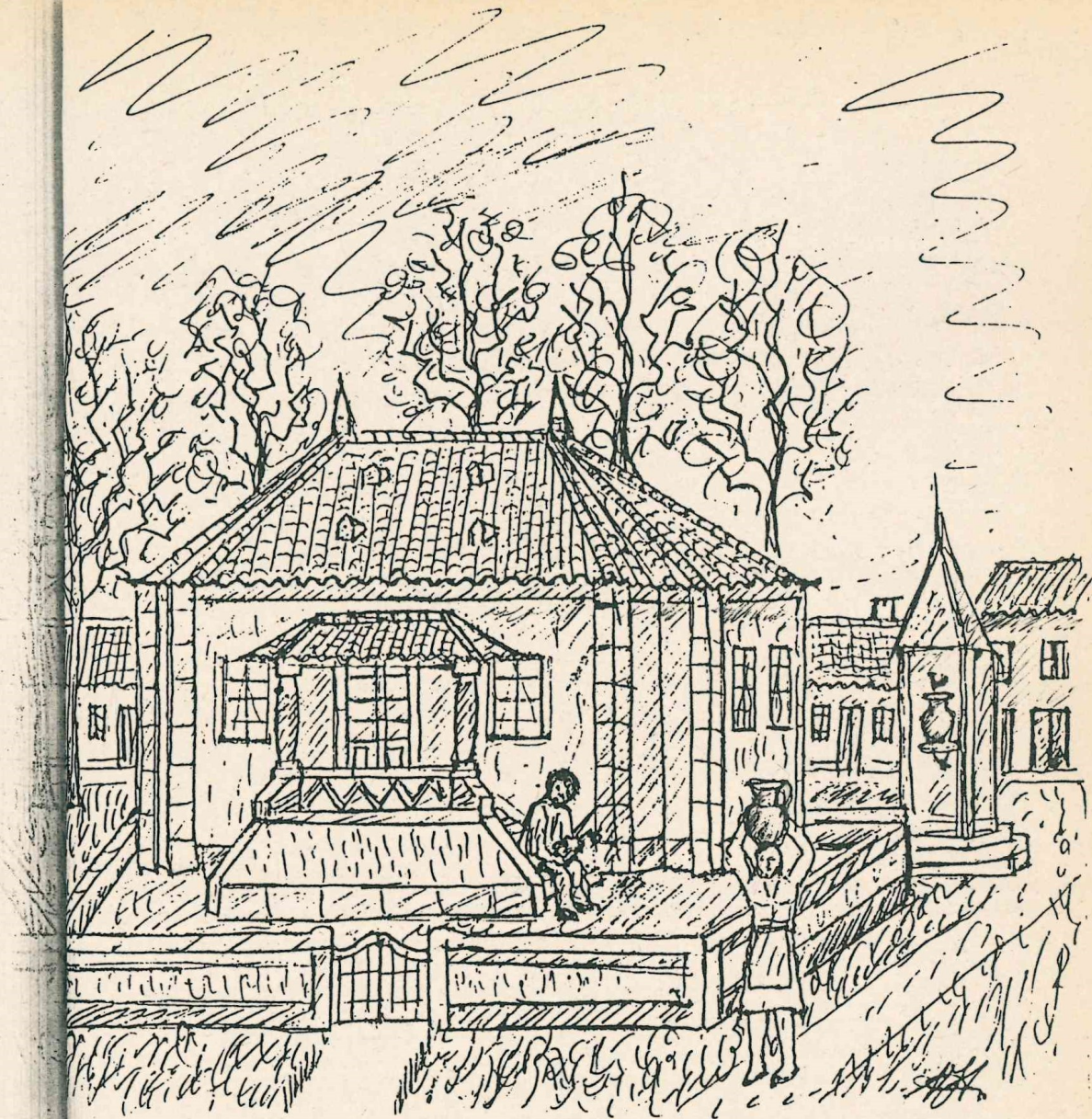
A Teresa Rentim o escutou e disse, ele se chamava José Fernandes Barbosa.

Os olhos do viajante começaram a verter lágrimas.

A carrejona notou que o viajante ficou sentido com a sua narrativa, dizendo-lhe saiba meu prezado senhor, nesta vida tudo existe tudo é triste.

Tem razão respondeu o viajante, a sua

Um aspecto do antigo dispensário
no campo 28 de Maio.



No descortinar da visibilidade do
desenho do dispensário ao fontana-
rio, se distingue o aspecto da an-
tiga casa do jovem leitor Neca Fer-
reira.

história me comoveu, que Deus ajude à senhora e a todos da ilha, que muito merecem. Entretanto, o carro chegou ao largo dos capuchinhos.

A Teresa carrejona fez uma pequena paragem e o chamou atenção dizendo-lhe olhe meu senhor, ali está o dispensário com o alpendre.

Era ali o seu teto - improprio dum ser humano lá viver.

E por essa interrupção - momentânea de intervalo o carro continuou pela estrada.

Depois o viajante, lhe perguntou se tinha o conhecimento de alguma pensão de confiança.

A Teresa carrejona o conduziu à pensão Bagoeira, dizendo-lhe que era a melhor.

E já lá chegados o viajante lhe perguntou quanto era do seu trabalho.

Teresa Rentim esboçou um sorriso e comentou. O sennhor tem bom coração, deia o que entender.

O viajante vestia um casaco de istilo Americano conhecido por canadiana.

E tirou do bolso interior um maço de notas e lhe deu cem escudos, a teresa ficou contente em ver o dinheiro e disse um artista da construção civil não ganha este dinheiro numa semana, quem - me dera que fosse sempre assim, eu seria feliz e ajudava a minha familia, principalmente os meus netinhos,

O viajante lhe respondeu, olhe minha senhora quem fez bem aos meus é - digno do meu respeito, que pela consideração que lhe devo, eu tenho a obrigação e a moral de lhe dar um pouco mais.

Pegue neste dinheiro que é seu.

Foi em notas de cem e de quinhentos que completou dois mil escudos.

A Teresa Rentim ao chegar à ilha, pos-se à porta da sua casa e comentou.

Povo eu hoje - trabalhei pouco e ganhei muito dinheiro, porque a Teresa Rentim é inteligente, quando quero até faço chorar, e tirou da algiveira uma porção de notas e de vaidade mostrou o - dinheiro a toda a gente da ilha e disse, se todos os dias eu tivesse a sorte que eu hoje tevi, em pouco tempo ficaria milionária.

Eu a penas transporteí duas malas dum viajero, da estação à bagoeira e em viagem eu lhe disse que se parecia com um rapaz que dormia no alpendre do dispensário.

Mas - eu me arrependi, do - que eu lhe estava a dizer e me calei, mas ele insistiu que eu lhe conta-se toda a historia sobre a vida do rapaz.

Eu notei que os olhos do viajero vertiam lagrimas. Sou ó não sou - uma mulher inteligente.

Foi por isso, me deu este dinheiro todo.

Mas como é óbvio na quinta casa morava o mestre Antonio Leão Martins que estava presente, e lhe perguntou.

O Viajante quando lhe deu esse dinheiro não lhe disse mais nada.

Teresa rentim escutou o seu vizinho e comentou. Ele disse, quem fez bem aos meus, é digno do meu respeito que pela consideração que lhe devo, tenho a obrigação e amoral de lhe dar um pouco mais, pegue neste dinheiro.

O mestre Leão era um observador inteli-

gente, e com um sorriso lhe diz, pois é a senhora sem saber falou - para o proprio irmão do José Fernandes Barnosa, ele tinha dito que há muitos anos o seu irmão Manuel tinha imigrado para a America - do Norte.

Na verdade o mestre Antonio Leão Martins, era um homem inteligente, que pela sua observação logo se apercebeu que a historia tinha as suas reticencias.

No dia seguinte o viajante - pensou na sua familia e disse - para si proprio, eu tenho que ir ao encontro da minha irmã, sera que eu vou ser bem respeitado pelo o meu aparecimento.

Eu sinto-me um pouco culpado de tanto que eles sofreram.

Mas a minha vida de início também foi muito cruel eu escrevi muitas vezes para Airó e nunca teve uma resposta.

Hoje, sou um homem rico e por isso é um dever que eu tenho que ir ao encontro da minha familia, podem estarem na iminência de quem os ajude, e que as telhas do telhado esconda ocultar do disfarce da dor e da miseria.

Mas é um dever que me compete.

Tenho de ir ao seu encontro, mesmo que fique indisposta com a minha pessoa. Ela tera que entender que a vida nem sempre corre como a gente pretende.

À Porta da pensão se encontrava o engraxador da casa e pediu ao viajante para limpar os sapatos, e se ocupou - do seu trabalho,

O Engraxador era um moço muito gentil e de boas falas.

O viajante lhe - perguntou - foi sempre esse o seu officio.

Não meu senhor respondeu o moço, eu trabalhava de pintor de moveis numa officina, mas foi á falencia.

Agora ando haver se arranjo trabalho na fabrica da fiação, eu já lá fui pedir, mas não foi atendido.

O viajante escutou o moço com atenção, e lhe disse é verdade todo mundo tem o direito ao emprego, para que posse fazer face a uma vida digna do seu proprio viver e seguir um destino - controlado ao sacrificio duma vida melhor.

Você tem que lutar, não perca a esperança, terá que bater noutras portas até conseguir o seu objectivo.

Sim é verdade, comentou o moço.

O senhor é uma pessoa de muita bondade.

Eu apelava ao seu coração que o senhor pedisse por mim.

O viajante lhe respondeu, eu tenho pena mas por Barcelos não conheço ninguém aquem eu posse pedir por si.

O rapaz humildemente lhe supplica meu prezado senhor fale com a dona da penção.

Ela conhece os patrões da fabrica e então seria facil eu me empregar.

O viajante comentou, eu apenas - estou nesta hospedaria á dois dias.

Mas descanse que eu vou falar com a dona da pensão, creio eu que tudo ira correr no melhor.

O jovem engraxador, descreveu um sorriso de satisfacção, que numa alegria de recompensa lhe diz Deus o ajude com as maiores Felicidades.

Entretanto o jovem dava o trabalho por acabado. E de imediato o hospede pediu ao moço se ia chamar um carro de praça.

Foi num estante que - o carro de praça chegou, o motorista perguntou - para onde queria ir. O Hospede lhe respondeu, leve-me Á Vila do Conde, e la seguiram o seu destino com muita prudencia, devido a estrada estar em péssima condição.

Mas o motorista o informou que - trazia na mala do carro uma roupa já deteriorada e se eu tiver de modar uma roda, então terei de me equipar e defender a roupa que trago mas se eu for com - prudência tudo ira correr no melhor.

Mas o passageiro lhe contou a sua historia, dizendo que estava com receio que a sua irmã não o aceite de bom agrado, eu devia ir mal trajado, a minha irmã é casada, eu não conheço o meu cunhado, que por esse conceito eu pretendia ir - um pouco diferente á minha condição em que eu socialmente me apresento.

O motorista o escutou e disse pois bem; eu lhe empresto essa roupa, e o senhor se apresenta como uma pessoa - de poucas posses.

O viajante se vestiu com a roupa que o motorista trazia na mala do - carro, e se dirigiu á casa da sua irmã, ficando o motorista á sua espera. Que - entretanto, o viajante batia na porta da casa de Maria Hortênsia, e reparou que sua - irmã vivia na maior pobreza, a porta e janelas eram feitas de casqueiras de pinheiro.

O telhado se refazia com telhas e folhetas velhas, que pelo facto se defen-

diam da chuva.

A porta veio o seu cunhado.

O viajante o — saúda com o bons-dias, e perguntou é aqui que mora a Maria Hortênsia. Sim é a minha — mulher o que — dezeja perguntou o seu cunhado.

O desconhecido lhe diz eu vinha vizitar a minha irmã Maria Hortênsia.

O cunhado ficou a olhar para o vizitante e exclamou, então é você o Manuel Fernandes Barbosa, a minha mulher tanto falava em você, seja bem vindo meu soudoso cunhado, a casa é pobre mas é sua, e chamou por a Maria Hortênsia, dizendo — tens aqui o teu irmão Manuel.

Maria Hortênsia ficou radiante de alegria, em ver o seu irmão — Manuel que a há muitos anos não tinha notícias, e com os olhos cheios de lagrimas se abraçaram, que diante daquele quadro, o cunhado viu os dois irmãos, que não poderam resistir à emoção de tantas lagrimas, que no reencontro da saudade, Maria Hortênsia encontra o seu querido irmão, que há — muitos anos não o via. Estando na incerteza que um dia o ia encontrar.

Mas o seu cunhado trabalhava de pedreiro numa casa dum vizinho e por isso teve que os deixar a sós com as suas saudades, chorando de alegria, e comovidamente a Maria Hortênsia lhe diz meu irmão eu cheguei a pensar que também te tinha perdido mas felismente estás aqui à nossa beira.

Depois lá chegaram os filhos — de Maria Hortensia que eram três meninos e duas meninas.

O seu irmão Manuel pegou no mais peque-

nino ao colo e disse que lindos — meninos tu tens minha irmã, mas tu vives muito pobrezinha.

Maria Hortênsia lhe respondeu, meu irmão como vez eu estou na minha casinha e já sou muito feliz, que ninguém me vota fora agora que estamos todos em familia eu faço a sopa com com um pouco mais de água e comemos todos em — familia e niguem vai passar fome, tu tens aqui o teu cantinho.

As crianças se agarraram ao casaco do tio e diziam tio nos gostamos — muito de você, nos agora já temos um tio na nossa casa.

Manuel Fernandes Barbosa não tirava os olhos das crianças e disse que amor — de filhinhos tu tens minha irmã, eu lhes dou a minha bênção, eu gosto muito deêes, eu os vou fazer felizes, depois caminhou para a porta que dava para o quintal e perguntou se o campo que se chegava á — casa lhe pertencia.

Maria Hortênsia lhe respondeu não meu irmão essa propriedade é mais de — que um campo é uma quinta que esta à venda, aí se fosse minha, eu teria pão para todo o ano e podia comprar alguns — animais e fazer por vida. Mas como vez eu só tenho a casa e este pequeno quintal, que apenas dá para plantar uns pés de couves, eu para viver tenho que andar dum lado para o outro levando comigo a enxada — trabalhando sem horario nas hortas dos lavradores.

O seu irmão Manuel muito comovente lhe respondeu, Olha minha irmã eu — já sofri muito na vida quando eu cheguei à América eu estava muito doente, devido à viagem,

foram muitos dias de viagem escondido pelos cantos dos porões, e por esse sacrifício eu adoeci da bixiga que mal podia dar um passo, estando eu cheio de - febre, de tanto tempo agachado sobre a carga que o navio transportava.

Mas quando eu desembarquei - estava um polícia por perto e me perguntou pela minha entidade, eu lhe respondi que era - um trabalhador Português que vinha - para trabalhar, ele me respondeu eu não te levo preso porque hoje é dia de natal. Eu neste dia nunca fiz uma prisão.

agora desaparece da minha vista que eu não vi nada, eu lá fui caminhando sobre o chão vidrado de gelo.

Mas eu teve sorte que fui cair à porta duma família de imigrantes Portugueses de Viera do Minho, eles deram comigo - quase gelado, eles me perguntaram quem eu era eu disse, sou português, desembarquei num barco de carga e que vinha clandestino à procura de trabalho, que vivia com os meus avós e que os meus pais foram vítimas da doença pneumônica, eu me aventurei para ajudar os meus avós.

Eles foram meus amigos que tiveram a bondade de me agasalhar e me arranjam trabalho depois casei com uma Americana e junto com ela abri uma empresa que nos deu muita fortuna, mas não tivemos filhos eu estou viuvo, mas tu não sabes o que me vai na alma por eu não chegar a tempo para cuidar do nosso irmão. Mas tu me a recebeste com a mor e carinho, agora estou aqui para te fazer feliz, tu vais ser uma senhora de bens, a fortuna que eu tenho é

vossa.

Maria Hortênsia escutou o seu irmão e disse, tu tens bom coração mas és um pobre, eu já sou feliz em verte à minha beira, obrigado minha irmã, eu escrevi varias cartas para a nossa aldeia, mas não tive resposta, mas em Barcelos foi - informado que tu tinhas casado com um homem muito bom, mas eu quis ter a certeza se realmente era verdade, mas eu verifiquei que é uma excelente pessoa, eu não vim aqui para te pedir ajuda, eu te peço desculpa por este meu desfarce, eu sou um - homem muito rico, se eu estive-se na miseria fazia o mesmo que fez o nosso irmão José, eu não vinha tirar o pão aos teus filhinhos tu agora es uma senhora rica, se vez que essa quinta está à venda, tu a - vais comprar por o preço que for, como vez eu sou um viuvo que não tenho filhos, mas felizmente tenho os meus sobrinhos que já moram no meu coração.

O Manuel tirou o casaco que o motorista lhe emprestou, mostrando-se - com - outra apresentação, compondo-se com a sua bonita canadiana.

Maria Hortênsia ficou pensativa e disse O meu irmão será que estou a sonhar, sim minha irmã, respondeu o Manuel. tu estas a sonhar um sonho lindo que é verdadeiro e que te vai fazer feliz, vai chamar o teu marido.

Maria Hortênsia foi ao encontro do seu marido que se encontrava a trabalhar no vizinho e lhe diz anda comigo que o meu irmão não é um pobre. Nós estamos - ricos ele quer falar contigo.

Ao chegarem a casa encontra o cunhado já com outra ilegancia, depois de lhe pedir desculpa pelo seu desfarce, foram falar com o dono da quinta ficando tudo convencionalizado para o dia da escritura.

Mas já presentemente nesse - estabelecimento eles se encontraram com uma senhora de Airó que conheceu a Maria Hortênsia e começaram a falar da aldeia.

A senhora lhe disse que o proprietario da quinta que já foi do vosso avô já faleceu agora os herdeiros pozeram a quinta á venda.

Manuel Fernandes Barbosa escutou o que a senhora dizia e lhe disse a senhora foi muito gentil por nos dizer que a quinta esta á venda eu lhe fico muito agradecido pela informação, para mim seria uma honra se a quinta volta-se ao mesmo.

Depois de tudo estar - pronto mandaram fazer um solar digno de lá viverem, e como é óbvio a quinta de Airó voltou ao mesmo, ficando a pertencer aos Barbosas.

Manuel Fernandes Barbosa despede-se da família e partiu para America tratar dos seus negocios, que seria por pouco tempo que depois voltava para junto da família na união dos seus sobrinhos, quem ele dedicou afeição e amizade, ficando a quinta de Vila do Conde a ser - venerada por uma senhora que era madrinha dum filho de Maria Hortênsia e por isso lhe - permitiu admistrar a seu proprio encargo sendo ela uma colega dos trabalhos do campo.

E foi assim que Maria Hortênsia encontrou a luz que há muito se tinha apagado e que finalmente voltou a brilhar, trazem-

do felicidade aquela bondosa e honrada família.

Que pelo designio de emoção, a história tem por titulo. As lagrimas da saudade.

Que foi com base na sintese de - varios factos reais, conforme a qualidade do verdadeiro, tendo o dever genuino e sincero de narrar uma historia veridica e real, que por excelência existe uma tela que foi pintada directamente ao natural, que retrata a ilha - do Coutinho, estando essa obra na posse de Alvaro Arezes leão Martins, que pela imagem nos faz recordar a memória a recordação de um recanto de tanto poema como fosse um artigo de jornal o um velho livro que nos conte factos da verdade e que na originalidade do drama a pintura fala-se por mais de dez mil palavras que nos faz - recordar tanta vivencia dum lugar que se vê - desmoronado quase sem ninguém, e que já foi berço de grandes artistas, que na - integridade do seu valor os filhos desses mesmos - artistas são licenciados pela Universidade que na superioridade da intelligencia e da civilização. A ilha do Coutinho tambem é berço da mais distinta - subtileza e requintada ciência, que por essa graciosa imagem podemos apreciar a antiga residência do Sr. Acacio Coutinho, que no adorno singular nos amostra a curvatura do arco da entrada da ilha, que no - contorno de elegancia e perfeição, o arco é feito em pedra lavrada, que na altivez do dominio, é dum efeito estetico verdadeiramente teatral, que pela beleza do seu cenário, se pode admirar uma arquitectura que glori-

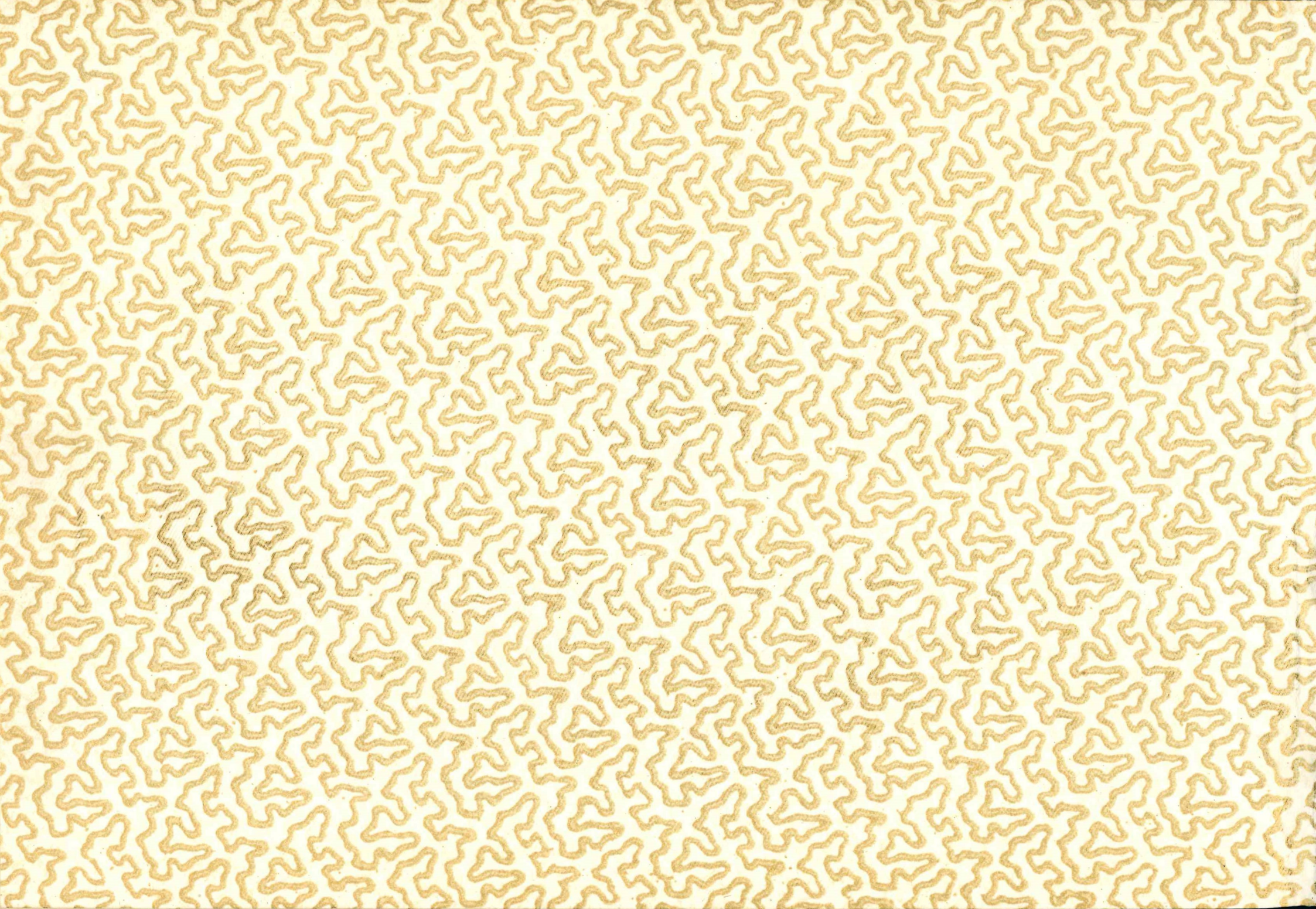
fica e nobrece o bom nome dos Coutinhos
que à mais de um século foi construído a
mando do sr. Coutinho e sua veneravel
esposa sr.^a D. Ana de Jesus.

AS LÁGRIMAS DA SAUDADE.

Foi com base na síntese de vários factos reais, que na qualidade do verdadeiro, tendo o dever genuino e sincero de narrar uma história verídica e real que pela faculdade do raciocínio e da criação, tem a efectividade de conduzir e retratar o sentimentalismo que, na - representação da vida, conta factos verdadeiros. Assim termina a história.
As lágrimas da saudade.

ANTONIO AREIAS

ANO DE 1998





biblioteca
municipal
barcelos



39331

As lagrimas da saudade